

## SUMÁRIO

|                                                                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| A PRÁTICA DOCENTE NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA .....                                                                              | 2  |
| EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA E A IDENTIDADE DOCENTE .....                                                                             | 15 |
| GESTÃO ESCOLAR: PARTICIPAÇÃO E AUTONOMIA .....                                                                               | 23 |
| PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO NO LANÇAMENTO DE PRODUTO NO SETOR DE<br>AGRICULTURA DE PRECISÃO .....                               | 32 |
| IPTV UMA INOVAÇÃO PARA O VALE DO SÃO LOURENÇO .....                                                                          | 46 |
| COMÉRCIO ELETRÔNICO .....                                                                                                    | 52 |
| ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA E MIGRAÇÃO NORDESTINA (NEGRA) COMO<br>BASE DO AGRONEGÓCIO EM RONDONÓPOLIS- MT: DE 1940 A 2011 ..... | 67 |

## A PRÁTICA DOCENTE NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Gleibiane Silva David<sup>1</sup>  
Jônatas Marcos Da Silva Santos<sup>2</sup>  
Simone Freneda Camparim Passos<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo é resultado da problematização da leitura do Livro *Redes ou Paredes* de autoria de Paula Sibília e tem como objetivo compreender a prática docente no atual contexto escolar, permeado pelos *mass media* e por novos modos de ser e estar no mundo. Aborda a educação dialógica segundo as ideias de Paulo Freire, fundamentada no diálogo e na reflexão. Apresenta também as contradições econômicas, políticas e culturais do contexto no qual a escola está inserida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Novas subjetividades; *Mass Media*; Prática docente; Educação Dialógica; Performatividade.

### ABSTRACT

This article is the result of problematization of the reading of the book: *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*, written by Paula Sibília and aims to understand the teaching practice in the current school context, permeated by the mass media and new ways of being in the world. Addresses the dialogical education according to the ideas of Paulo Freire, grounded in dialogue and reflection. It also presents the economic, political and cultural contradictions of the context in which the school is located.

**KEYWORDS:** New subjectivities; Mass Media; Teaching practice; Dialogic Education; Performativity.

---

<sup>1</sup> Mestranda do PPGEdu da Universidade Federal do Mato Grosso *campus* Rondonópolis. MT/Brasil. gleibi.pva@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando do PPGEdu da Universidade Federal do Mato Grosso *campus* Rondonópolis. MT/Brasil. jonataspime@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestranda do PPGEdu da Universidade Federal do Mato Grosso *campus* Rondonópolis. MT/Brasil. simonefcpassos@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

O presente texto busca refletir sobre a prática docente na sociedade globalizada, fortemente marcada pelos *mass media* e pela lógica de mercado. Novas subjetividades e corpos vão sendo formados a partir dessa relação com os *mass media* e provoca o repensar da função da escola na sociedade contemporânea.

A educação dialógica de Paulo Freire se apresenta como proposta alternativa na construção de uma escola pautada em valores humanos, críticos, reflexivos comprometidos com a transformação do mundo.

Em tempos de reestruturação capitalista a escola é desafiada a repensar sua organização e suas práticas constituindo-se como força capaz de se contrapor ao projeto neoliberal avesso ao diálogo e com características antidemocráticas.

Na primeira parte do texto, discutimos como a prática docente se relaciona com os *mass media* e se estes podem contribuir para o trabalho docente, na educação das novas gerações. No segundo tópico abordamos a educação dialógica na escola contemporânea, como o diálogo pode contribuir para práticas docentes e a transformação do contexto onde elas se realizam. O tom da última parte do texto é crítico em relação a possibilidade da construção de uma educação dialógica diante da ética de mercado imposta pelas políticas neoliberais a instituição que educa.

## PRÁTICA DOCENTE EM TEMPOS DE MASS MEDIA

Nosso interesse é compreender como a prática docente se relaciona com os *mass media*, será que estas podem contribuir para o trabalho docente? Assim apresenta-se como intenção deste tópico: a discussão sobre a introdução dos *mass media* no espaço escolar, a prática do professor em tempos de *mass media* e se estas contribuem para a educação das novas gerações.

A escola foi uma criação do Estado Moderno para atender a um modelo econômico que se constituía, de acordo com Sibilia (2012) é uma tecnologia de época que desenvolveu toda uma estrutura para alterar os corpos e as subjetividades, com o intuito de colocá-los a serviços dos ideais burgueses. Mas assim como todo o projeto da modernidade, ela vem sendo questionada por não corresponder às novas formas de ser e estar no mundo que foram se constituindo possivelmente pela relação que o sujeito estabelece com as *mass media* e por uma

educação impregnada pelo viés mercadológico que é fruto de políticas neoliberais e de um Estado mínimo.

Com toda evolução tecnológica os *mass media* tornaram-se o meio de representação da realidade, alteraram os processos de produção do conhecimento e de circulação da informação, uma nova cultura vai sendo constituída: a da imagem, do show do eu, das telas. Os meios de comunicação de massa têm o poder de ditar o que é importante, mediante o que ressaltam ou ignoram, ou o que silenciam ou omitem, por isso concordamos com (FREIRE & GUIMARÃES, 1984, p. 14) “O problema é perguntar a serviço de que e a serviço de quem os meios de comunicação se acham”, indagação fundamental que todo educador ou educadora deve se fazer diante dos *mass media* e não negá-los ou demonizá-los, pois estes estão presentes no cotidiano dos alunos. Atitude do educador consciente é trazer o questionamento proposto por Freire para o diálogo tecido nos espaços escolares.

Freire (2004, p. 76) nos alerta que o mundo não é, o mundo está sendo, assim o docente não pode ignorar o poder de influência dos *mass media* na formação da consciência do educando e de seus valores. Esse poder dos meios de comunicação de massa, faz com que a instituição que educa perca terreno na ordenação dos valores e significados. Como educadores temos que conhecer, utilizar, nos indagar sobre os *mass media* que estão entranhados no cotidiano dos nossos alunos, pois já nos alertava (FREIRE, 2000, p.110) “Como educadores e educadoras progressistas não apenas não podemos desconhecer a televisão mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la.” Ele nos conclama a uma reflexão sobre o uso dos *mass media* na nossa prática.

Diante deste cenário onde os *mass media* alteraram nossas formas de ser e estar no mundo, os docentes precisam se indagar: como esses artefatos podem contribuir para que o aluno aprenda? O primeiro passo já foi dado com o intuito de reformar, modernizar a escola e de tornar a prática do professor inovadora incluindo os *mass media*, o ministério da educação e as secretarias de educação, despendem verbas consideráveis e encaminham para a escola desde a televisão, aparelhos de DVD, computadores, tablets até laboratórios de informática completos. Sibilia (2012, p.181) trata desta incorporação dos *mass media* na escola:

Iniciativas como essas partem da evidente constatação de uma defasagem, [...] e pode ser resumida da seguinte forma: enquanto os alunos de hoje vivem fundidos com diversos dispositivos eletrônicos e digitais, a escola continua obstinadamente arraigada em seus métodos e linguagens analógicos; isso talvez explique por que os dois não se entendem e as coisas já não funcionam como se esperaria.

Trazer os *mass media* para escola é uma tentativa de aproximar dois universos que se encontram tão distantes, a escola e o novos corpos e subjetividades, essas tecnologias são necessárias, entretanto não podem tudo, mas podem alguma coisa e temos que ter consciência de que elas não são salvadoras e nem redentoras da educação. A simples inserção desses aparatos na escola não resolverão os problemas da educação e não podemos ser ingênuos e acreditar que os *mass media* são neutros. Essas tecnologias adentram o espaço escolar, impregnadas por valores e modos de uso implícitos, jamais serão neutras.

Esses artefatos penetraram os muros da escola e nos provocam reflexões muito pertinentes como utilizá-los para que estes possam proporcionar aprendizagem e minimizar a fissura entre a escola e esses novos corpos que a povoam. Mas a reflexão fundamental é proposta por Freire (1984, p.6)

Para mim os computadores são um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola. Será que vai se continuar dizendo ao educando que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil? Que a revolução de 64 salvou o país? Salvou de que, contra, que contra quem? Estas coisas é que são fundamentais.

Temos sim que refletir sobre a utilização dos *mass media* na nossa prática, mas também precisamos pensar sobre a função da escola nessa sociedade contemporânea e sobre o papel do professor que é muito diferente daquele proposto pelo projeto da modernidade. Os educandos estão mergulhados nesse mar de informações e o professor hoje é mais necessário do que nunca, principalmente para auxiliar o aluno, a saber, pesquisar, organizar a informação, fazer síntese, trabalhar colaborativamente, significar a informação para que esta se torne conhecimento, ter disciplina, ensinar a aprender. Desta forma não basta ao educador saber utilizar esses aparatos tecnológicos, é preciso ter conhecimento do conteúdo que ministra, relacionar este ao projeto político, econômico, social e cultural e acima de tudo numa perspectiva freiriana ter compromisso ético-político com a educação dos filhos dos trabalhadores, entendendo que estes necessitam ter acesso e compreensão dos conteúdos historicamente produzidos. Além disso, o professor precisa ter amor pela profissão, pelo ser humano e pelo mundo. Por isso concordamos com Gadotti quando afirma:

Nesse contexto de impregnação da informação, o **professor** é muito mais um mediador do conhecimento, um problematizador. O aluno precisa construir e reconstruir o conhecimento a partir do que faz. Para isso, o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e

apontar novos sentidos para o quefazer dos seus alunos. Ele deixará de ser um *lecionador* para ser um *organizador* do conhecimento e da aprendizagem. Poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um **organizador da aprendizagem**. Não há ensino-e-aprendizagem fora da “procura, da boniteza e da alegria”, dizia-nos Paulo Freire.

No mundo dominado pela informação o professor precisa se aventurar, explorar um território ainda pouco conhecido, o uso dos *mass media* na prática docente, pois estes possibilitam novas formas de pensar, perceber e sentir, ou seja, podem proporcionar novas formas de aprendizagem. A utilização dos meios de comunicação de massa na escola pode ampliar o espaço e tempo da sala de aula, transpondo os muros e assim potencializar o diálogo entre professor e aluno. A possibilidade da autoria é outra característica dos *mass media*, aluno e professor podem publicar suas produções e compartilhá-las com o mundo, mas para isso necessitamos de uma educação que possibilite ao sujeito produzir conhecimento.

Não basta “modernizar” a educação inserindo na escola *mass media*, com isso, não negamos a necessidade de sua utilização e que eles podem proporcionar aprendizagem, mas precisamos ir além, educar o jovem para que ele domine a linguagem dos *mass media* e não para que sejam dominados por ela, para que isso se materialize temos que transformar a escola profundamente. A instituição que educa precisa ter seu projeto pedagógico construído coletivamente e por meio dele: inovar, sonhar, pensar o seu currículo, saber o que a comunidade quer a curto e longo prazo para seus filhos, ter o aluno e o professor como produtores do conhecimento e os *mass media* sendo utilizados para autoria. Precisamos inverter a lógica, pensar a transformação de dentro da escola, unir esforços e lutar para reescrevê-la, por isso concordamos com (SIBILIA 2012, p.211) quando afirma que “falta, sem dúvida, o mais difícil: redefini-las como espaços de encontro e diálogo, de produção de pensamento e decantação de experiências capazes de insuflar consistência nas vidas que as habitam.”

## EDUCAÇÃO DIALÓGICA NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Como compreender a educação dialógica na escola contemporânea? Como são vivenciadas dimensões como a ação e reflexão na prática docente? O diálogo ainda é importante no contexto social-escolar invadido pelos *mass media*?

A compreensão da educação dialógica, pressupõe o aprofundamento na questão da essência do diálogo, que lhe serve como fundamento e possibilidade. O diálogo é um fenômeno humano revelando-se como sendo-palavra expressa e

criada pelo ser que a pronuncia no nosso caso: educador-educando na escola contemporânea. Segundo Freire (2011, p. 107) a busca pela compreensão do diálogo leva-nos a considerar duas dimensões que compõe a palavra: a ação e a reflexão, portanto, envolvendo o ser humano na sua criatividade e na sua busca pelo conhecimento.

Sibilia (2012, p. 45) afirma que Deleuze em um ensaio publicado em 1990, argumentou sobre a implantação gradual de um sistema de vida inovador, apoiado nas tecnologias eletrônicas e digitais e que esta implantação, num processo ainda em andamento, atinge em cheio a escola no mundo contemporâneo. A pergunta que se faz, no entanto, é se essas novas tecnologias estão substituindo o diálogo, na prática docente, como reflexão e ação da construção de uma educação dialógica e de um “mundo à medida do ser humano.” Esse problema é bastante complexo, cobrando a necessidade de revisitar a práxis e as teorias desenvolvidas nas escolas atuais.

Se à base da educação dialógica encontra-se o diálogo reflexivo e praticante por parte dos envolvidos na ação dialógica, à base do diálogo encontra-se o amor – instaurando uma relação de doação jamais de dominação – numa ligação inquebrantável e fundamental para realização da pronuncia significativa, reflexiva e criadora do ser humano. Não desconsideramos os efeitos e as marcas deixadas pela explosão e introdução dos *mass media* na sociedade em geral e nas escolas de modo específico, mas como é importante perceber que na amplitude de possibilidades e complexidades que a vida humana se desenvolve, não são os únicos a definirem os horizontes de reflexão e crítica das transformações que estão ocorrendo.

Além das redes mediáticas encontramos no presente existencial das pessoas um conjunto de aspirações, desejos, práticas, modos de ser e existir, privações e exclusões que interpelam educadores-educandos na busca de respostas criativas e transformadoras. Isso toca fundamentalmente na dimensão política e cidadã da educação, exigindo que se leve em conta na prática docente a capacidade de organizar e elaborar um conteúdo programático que vise o desenvolvimento da ação participativa e consciente no e do contexto aonde a educação e a prática são realizadas.

Paula Sibilia (2012, p. 9) na introdução do seu livro, *Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão*, coloca a seguinte questão: para que serve a escola? Ela parte da “análise de um terreno que ainda costuma ser considerado muito distante dos rituais escolares, quase seu antagonista: o dos meios de

comunicação.” (SIBILIA, 2012, p. 9). O ponto de partida escolhido pela autora porta-se como fundamento que sustenta a reflexão e a argumentação das páginas sucessivas, o erro, porém, é condicionar a vastidão do horizonte educativo a elementos “desconectados” das dimensões culturais, políticas e propriamente educacionais. Não é possível elaborar críticas somente a partir de forças que atuam de fora para dentro sobre a escola, pelo contrário, se faz necessário a complementação dialógica entre sujeitos que busquem superar os reducionismos, para efetiva transformação da realidade escolar.

A escola serve para criar e recriar conhecimento, cultura, participação, em síntese um ser humano respeitado e respeitante, atuante nas escolhas críticas e na construção reflexiva dos meios e conteúdos oferecidos/vendidos ou não pelos próprios *mass media*. Hoje é mais importante colocar-se a seguintes questões: por que a escola não constrói conhecimento crítico sobre os *mass media*? Por que na prática docente não se vê interrogativos sobre a utilização crítica desses meios? Por que a sociedade em geral aceita passivamente ser consumidora e usuária de programações e produtos relacionados ou oferecidos pelos *mass media*? Por que não sabemos de quais centros de interesses partem as informações e onde estão localizados? Como foram concebidos e quem são os seus proprietários? Estão a serviço de quem? Esses são questionamentos que devem ser colocados pela prática da educação dialógica.

Torna-se cada dia mais importante afirmar que não somos vítimas do mundo, da tecnologia, de nós mesmo enquanto seres humanos, mas

Os homens, pelo contrário, ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica. (FREIRE, 2011, p.124).

Para que a educação dialógica aconteça é necessário superar uma das marcas impressas na sociedade contemporânea, a autossuficiência. O diálogo instaurado pelo encontro entre um eu e um tu, não é compatível com a falta de humildade daquele que se sente superior aos demais seres humanos. Freire (2011, p. 112) afirma que “se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles.” Posição bem mais sensata, crítica e coerente do que aquela

afirmada por Sibilía (2012, p. 94) quando diz que as escolas se tornaram “uma espécie de empresa cujo fim consiste em prestar um serviço – com diversos graus de sucesso ou eficácia [...]. Seu objetivo é capacitar os clientes, em vez de formar todos os alunos de cada nação.” Isso é defender a lógica cruel da competitividade, concorrência, eficácia e exclusão, já que nem todos, aliás uma pequena parte da sociedade tem acesso aos benefícios do sistema capitalista.

A prática docente oscila entre polos de concepções sobre a educação oferecida nas unidades escolares na relação educador-educando. No entanto, não isenta de fecunda crítica as posições reducionistas que enquadram, ao invés, de permitir uma maior abertura crítica e construtivas alternativas para melhoria da educação no mundo contemporâneo. Argumentar a favor de uma educação dialógica, com seus elementos constitutivos: ação, reflexão, humildade, amor, encontro, é basilar e serve como ponto de partida para compreensão das subjetividades contemporâneas investidas fortemente pelos meios de comunicação de massa a serviço do neoliberalismo opressor.

## EDUCAÇÃO DIALÓGICA EM TEMPOS DE PERFORMATIVIDADE

É possível a construção de uma educação dialógica em tempos de reestruturação neoliberal da organização escolar, da prática docente e de sua identidade profissional, cujo projeto tem características antidemocráticas e é avesso ao diálogo?

Formular uma resposta a esta questão não é tarefa simples, pois a escola pública além de todos os problemas já conhecidos está sendo transpassada por duas forças que lhes são desintegradoras, ambas componentes do mesmo processo de reorganização do capitalismo neoliberal: **a nova subjetividade contemporânea** (formada com a influência dos *mass media*) e **o novo modelo de gestão pública** fruto da reestruturação do Estado reduzido ao mínimo (antes provedor, agora apenas avaliador e regulador, com a retirada gradativa de direitos e serviços sociais).

Portanto, além das tensões internas, pois cada um dos sujeitos que a compõem possuem subjetividades que lhe são próprias, com ideologias e projetos diversos, existem as influências externas dos projetos econômicos, políticos, sociais e culturais pensados e empreendidos historicamente.

Paula Sibilía em seu livro “Redes ou Paredes” apresenta a tese sobre o desajuste histórico ou da incompatibilidade que se gerou entre a escola, as crianças

e os jovens de hoje, a partir da formação de uma nova subjetividade contemporânea, fundada sob um novo estilo de vida em escala planetária, cuja disseminação contou com a aliança tácita entre os meios de comunicação, as tecnociências e o mercado.

A construção dessa subjetividade é um processo em andamento, portanto, não foi totalmente consolidada, mas a sua força agregadora está em vias de marcar o tom de uma nova sociabilidade. Em seu bojo estão sendo gestados novos modos, comportamentos e condutas sociais, uma civilidade cosmopolita constituída de elementos diametralmente opostos à escola tradicional e que a tornam uma instituição anacrônica, assim como o Estado e a Família que também nasceram com o projeto moderno comandado pela ética protestante e moral burguesa nos séculos XIX e XX.

A partir deste prisma a escola é considerada uma tecnologia inventada em outra época com o objetivo de moldar, através do confinamento e da disciplina, corpos dóceis e úteis necessários às sociedades industriais e que se tornaram incompatíveis com a nova configuração do sistema capitalista transnacional e neoliberal, que requer novos tipos de corpos e novas subjetividades.

Em linhas gerais é um novo projeto de mundo que precisa de uma nova subjetividade para se estabelecer, este provavelmente seja o cerne da questão, a construção de um novo sujeito mais adequado a um capitalismo veloz, voraz e volátil.

O projeto neoliberal dessa nova etapa do capitalismo representa uma reconfiguração econômica, política, social, cultural mas poderíamos dizer também ética e moral, que vem sendo desenhada a partir de um processo de “mercadorização” de todos os aspectos inerentes à vida em sociedade.

Na escola pública essa nova conjuntura está provocando o que Ball (2001, p.100) chama de “colonização das políticas educativas pelos imperativos das políticas econômicas”, a partir de um novo paradigma de administração pública imposto também à educação e que está fundamentado em três elementos-chave: forma de mercado, gestão e performatividade.

Segundo Ball (2001, p.103) essas novas tecnologias de políticas têm produzido em nível micro novas práticas de trabalho e novas subjetividades de trabalhadores, criando a cultura da performatividade que preconiza a competitividade, o imperativo da razão técnica e a separação total entre o fazer e o pensar. Se permitirmos que essa ética de mercado se estabeleça na educação temos que ter a consciência de que isso significará um duro golpe ao sentido sócio-

político da escola, podendo significar até mesmo a sua erradicação e quem sabe em outro estágio talvez até mesmo a extinção da escola ou sua privatização.

O que será dos alunos e da sociedade se perdermos de vista a dimensão de um projeto coletivo de construção de uma escola melhor, que ensine a pensar e a entender o mundo de forma crítica e a agir sobre ele? O que será dos professores, reduzidos a simples executores de tarefas com nenhuma reflexão ou autonomia sobre sua profissão, digladiando-se entre si para concorrer ao título de funcionário do mês? É isso o que queremos? O futuro da escola e da nossa capacidade de nos guiarmos por nós mesmos estão ameaçados, é preciso agir agora ou será tarde demais!

É público e notório que a escola precisa mudar, não a partir do que está posto pelo neoliberalismo, mas um renascimento em bases mais humanas, quem sabe nas que Paulo Freire tanto insistiu: uma escola bonita, cheia de vida, de amor, de esperança, de alegria, de altruísmo e tudo mais que existir de bom neste mundo. Para além da parafernália tecnológica talvez essa alteração de base já fizesse com que a escola se tornasse diferente da realidade da maioria dos alunos e por si só já a tornasse mais atraente aos jovens e às crianças, imersos em um contexto depressivo, cético, disperso, e por vezes violento e opressor.

Existe alternativa ao fatalismo, mas ela exige o entrelaçamento entre pensamento e ação, exige engajamento político, requer sairmos de nossa zona de conforto e irmos ao encontro do outro para juntos lutarmos por um mundo melhor, ou por uma escola melhor, ou também por um bairro melhor, um posto de saúde melhor e etc., não importando o tamanho da vitória, pois toda melhoria mesmo que parcial seria ainda assim uma vitória e seria o início para vitórias maiores.

Se o que queremos é transformação da escola então por que não colocamos a “mão na massa” e partimos para a reflexão e o diálogo aberto sobre nossos erros e omissões? O futuro já chegou, acelerado como o capitalismo de agora, e nos encontramos em uma encruzilhada, não há mais como fugirmos do debate, chegamos ao ponto-limite, ou nos adaptamos para simplesmente sobrevivermos à sombra de determinações alheias à nossa “alma” ou transformamos tudo que está errado, não a partir do zero como o quer os defensores da pós-modernidade mas considerando toda a nossa história de lutas sociais, pesando erros e acertos e definindo afinal de contas que tipo de ser humano queremos que a escola eduque.

Paulo Freire também dizia que a escola não pode tudo mas pode alguma coisa, então vamos focar no que podemos fazer, não somente na escola mas na sociedade como um todo. O que nos remete à pergunta inicial desdobrada em várias

outras: como é possível transformar as práticas da escola tradicional em meio a tantas cobranças e avaliações externas sem a proporcional base material para a melhoria da formação inicial e continuada do professor e das suas condições de trabalho e salário, e também da estrutura física e humana da escola, elementos fundamentais que poderiam por em marcha a transformação de suas práticas? Como mudar a realidade escolar se precisamos de mais investimento e a política neoliberal é de Estado-Mínimo? Como refletir e dialogar se na escola-mercado onde tudo é medido em termos de metas pré-estabelecidas a serem alcançadas e projetos pré-formatados, onde o espaço do diálogo está cada vez mais reduzido?

Segundo Gadotti, consubstanciado em Paulo Freire, a educação democrática é incompatível com o projeto neoliberal e sua ética de mercado:

Paulo Freire atacava a ética do mercado sustentada pelo neoliberalismo porque ela se baseia na lógica de controle, e afirmava uma ética integral do ser humano. A educação não pode orientar-se pelo paradigma da empresa capitalista que dá ênfase apenas à eficiência. Este paradigma ignora o ser humano. Para este paradigma, o ser humano funciona apenas como puro agente econômico, um “fator humano”. O ato pedagógico é democrático por natureza, o ato empresarial orienta-se pela “lógica do controle”. O Neoliberalismo consegue naturalizar a desigualdade (GADOTTI, 2007, p. 80).

Se antes o Estado utilizava a educação como instrumento de reprodução e manutenção do sistema capitalista, agora o poder do Mercado predomina até mesmo sobre o Estado e está imprimindo sua lógica a todos os aspectos da sociedade, inclusive ao processo educativo, tornando a incompatibilidade entre a escola, as crianças e os jovens ainda mais abissal à medida em que introduz princípios como eficiência, eficácia e efetividade; transformando professores em simples prestadores de serviço, diretores em gestores, alunos em clientes, todos sob a vigilância de um aparato regulador fundado em instrumentos de avaliação externa.

No entanto, na simbiose entre escola e sociedade, objetividade e subjetividade se relacionam dialeticamente, o que nos faz pensar que a não aceitação da ordem vigente e a transformação da realidade são sempre possíveis, assim, segundo Paulo Freire:

Se não é possível desconhecer, de um lado, que é nas condições materiais da sociedade, em que se gestam a luta e as transformações políticas, não é possível, de outro, negar a importância fundamental da subjetividade na história. Nem a subjetividade faz, todo poderosamente, a objetividade nem esta perfila, inapelavelmente, a subjetividade. Para mim, não é possível falar de subjetividade a não ser se compreendida na sua dialética relação com a objetividade. Não há subjetividade na hipertrofia que a torna como

fazedora da objetividade nem tampouco na minimização que a entende como puro reflexo da objetividade (FREIRE, 2000, p.57).

Por isso não devemos delimitar e esquadrihar a escola a partir de uma visão monolítica e unidirecional, a partir da qual ela é classificada como sendo só isso ou só aquilo, pois é feita de gente, sua natureza é plural, rica em diversidade, fruto da objetividade e da subjetividade. Outro fator importante nessa reflexão é que não existe escola ideal, existe aquela que destruímos e construímos durante esse processo, então é possível contrapor-se ao sistema sim, não existe “fim da história”, ainda somos seres históricos em uma eterna luta de limites e possibilidades. Mas para isso é preciso questionar tudo, questionar sempre, refletir, dialogar, mas também agir se quisermos construir um projeto diferente do que está posto pelo neoliberalismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procuramos compreender o papel da prática docente na escola do mundo contemporâneo profundamente influenciado pelo *mass media*. Tentamos estabelecer um diálogo entre as ideias de Paula Sibilía e a educação dialógica proposta por Paulo Freire e a relação de ambos no contexto marcado pela ideologia neoliberal.

Partimos de uma visão freiriana de educação e de sociedade, portanto sem reducionismos que rotulam tudo em termos de ser só bom ou só mal, mas que postula a análise da realidade como uma teia complexa de limites e possibilidades e que é contrário ao deslocamento de poder para o mercado dominador e cruel.

Vislumbra-se no horizonte duas alternativas possíveis: ou nos adaptamos ao projeto de sociabilidade neoliberal e nos conformamos com uma escola vazia de sentido sócio-político, na qual predominará o fazer e não o pensar, compactuando com dois efeitos nocivos do uso das novas tecnologias – a perda da capacidade de raciocínio crítico e o empobrecimento da cultura geral – ou corajosamente encaramos o espelho, levantamos os tapetes e começamos a limpar a casa, caso resolvamos trilhar este segundo caminho; a reflexão, o diálogo e o engajamento político serão essenciais à transformação da escola em bases democráticas.

Não há mais para onde correr, temos que enfrentar a situação e o diálogo é a melhor solução, mas é muito mais do que uma conversa estabelecida entre duas pessoas: é encontro de seres humanos no meio social, é mais que falar é práxis, é tomar consciência do mundo, é saber que não o mudo sozinho, é horizontal

pois não há diálogo onde há opressão, é a conquista do mundo e não do outro, enfim não é uma simples troca de ideias é uma criação conjunta como Paulo Freire o descreveu.

O papel do professor, mas também o nosso, diante de tudo isso é entender as contradições e ocupar todos os espaços possíveis para evidenciá-las e estabelecer o diálogo, assim contribuiremos de forma concreta para a transformação da realidade, mas isso dependerá de sairmos da posição de expectadores e do estado de entorpecimento no qual a maioria de nós se encontra e de cultivarmos novamente o amor pela vida e pelas pessoas.

## REFERÊNCIAS

BALL, Stephen J. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação. Currículo sem Fronteiras, v. 1, n. 2 p. 99-116, jul/dez. 2001. Disponível em [www.curriculossemfronteiras.org](http://www.curriculossemfronteiras.org).

GADOTTI, Moacir. A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

FREIRE, Paulo. **A máquina está a serviço de quem?** Revista BITS, p. 6, maio de 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação (Diálogos – Vol. 2)** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro. Contraponto, 2012.

## **EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA E A IDENTIDADE DOCENTE**

Ademar De Lima Carvalho<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este texto tem como objetivo apresentar alguns pontos que possa contribuir para reflexão e problematização da pedagogia como campo de conhecimento fundamental para a organização do desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. O ponto central da reflexão parte do pressuposto de que a educação, a pedagogia e formação da identidade docente não estão dissociadas de uma concepção de direito, escola, sociedade e de civilidade humana que dialeticamente reproduz no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação, Pedagogia, Identidade docente

### **ABSTRACT**

This text aims to present some points that may contribute to reflection and questioning of critical pedagogy as a field of knowledge to the development organization of the teaching learning process. The central point of reflection assumes that education, pedagogy and teacher identity formation are not separated from a conception of law school, society and human civility that dialectically plays in the teaching and learning process in the classroom.

**KEYWORDS :** Education , Pedagogy , Teaching Identity

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento EDU/PPGEDU/CUR/UFMT.

## **EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA E A IDENTIDADE DOCENTE**

A finalidade da escola é ensinar a repensar o pensamento, a des-saber o sabido e a duvidar de sua própria dúvida, esta é a única maneira de começar a acreditar em alguma coisa. Juan de Mairena

Este texto tem como objetivo apresentar alguns pontos que possa contribuir para reflexão e problematização da pedagogia como campo de conhecimento fundamental para a organização do desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

O ponto central da reflexão parte do pressuposto de que a educação, a pedagogia e formação da identidade docente não estão dissociadas de uma concepção de direito, escola, sociedade e de civilidade humana que dialeticamente reproduz no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula.

Parto ainda do pressuposto que a escola “se configura como instituição social que se articula a história e ao movimento social, já que expressa de modo amplo projetos políticos e econômicos da sociedade a que pertence, ao mesmo tempo em que adota uma postura crítica diante a realidade social” (Carvalho, 2005, p. 12). Mas, pelo fato de se constituir como espaço público, a escola, a universidade tem a função primeira de formação humana, educação e irradiação da cultura para compreender o mundo do trabalho.

Nesta perspectiva, é que se entender que a educação formal tem por finalidade formar sujeito que participa ativamente da cultura e da sociedade, porque o sujeito constitui e é constituído pela cultura. Nesta dimensão, é que passo a afirmar que educação é um direito social, tendo em vista que

a educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino e aprendizagem, é parte integrante do movimento da existência humana, bem como do desejo de buscar e saber mais. O ser humano jamais para de educar-se, por isso a escola, enquanto instituição da sociedade civil, através do Estado, jamais poderá se omitir em oferecer educação de qualidade social para todos (CARVALHO, 2005, p. 49).

Porém, associado a concepção de ser humano enquanto ser histórico, sujeito social e de relações e de escola como espaço complexo e dinâmico a educação da nova geração passa a ser significativa se for assumida como prerrogativa de responsabilidade coletiva. Direito fundamental que precisa ser garantido e assegurado para todos, mas a primeira condição que garanta a efetiva educabilidade do outro passa pela formação docente sólida, para que possa ajudar o estudante a desenvolver a sua capacidade de escolha, sobretudo de comprometer-se com o desenvolvimento da autonomia de pensamento e ação no mundo da vida.

Pensar a educação como direitos de todos implica em pensar a condição humana indissociável de um projeto político de civilidade que **problematiza** o projeto hegemônico que configura o imaginário simbólico e a concepção de mundo no século XXI de uma educação como serviço indutora de formar para o mercado.

A escola na contemporaneidade configura como território de passagem obrigatório para a formação humana. Neste horizonte compreender que educação é direito social significa colocar-se a disposição para o envolvimento numa ação transformadora da realidade social injusta para garantir de maneira justa o bem cultural produzido historicamente pela humanidade para todo ser humano hoje.

A reflexão parte do pressuposto que a pedagogia como campo de conhecimento no Brasil, constitui-se na década de 30, como ciência da educação. Mas, pensar a pedagogia no mundo contemporâneo imbricado no ordenamento da complexidade que cinge a formação humana espaço da instituição responsável pela educação formal, exige compreender que a “realidade é construída por dinâmicas contrárias” alicerçadas na evolução reconstrutiva histórica. Por isso, determina a necessidade de produção de autocrítica e reinterpretação da educação que precisa ser garantida e implementada para nova geração que tem acesso a escola.

Pensar a pedagogia hoje requer pensar na educação que possa contribuir com o desenvolvimento da autonomia e emancipação humana. Uma pedagogia que possa catalisar o eixo da formação que possibilita unir a consciência de liberdade e poder. Esse movimento de formação exige que se considerem processos autênticos de aprendizagem e conhecimento que não acontece no vazio, mas requer a ação participativa – práxis- de estudante aberto, rebelde que sabe pensar.

No pensamento de Pedro Demo (2010, pp. 97-98),

Professor que sabe pensar cuida de fomentar a formação de um aluno que sabe pensar. Aluno que sabe pensar deve poder divergir do professor, desde que tenha argumento. Isso reclama do professor atitude aberta ao diálogo crítico, no contexto de influência mútua conduzida pela autoridade do argumento.

A pedagogia enquanto práxis pedagógica implica que seja pensada a questão da autonomia e identidade docente frente a complexidade da prática pedagógica, porque “a politicidade do saber pensar repõe a relação dialética entre teoria e prática, o que vale dizer que a teoria que evita a prática perde seu sentido, enquanto a prática que evita a teoria se absolutiza”(idem, pp. 98-99).

No tempo da exigência do ensino de qualidade social para todos, o que se requer do pedagogo na contemporaneidade é que ele saiba pensar, refletir e produzir conhecimento da e sobre a prática pedagógica desenvolvida no contexto da

sala de aula, com a finalidade de garantir e melhorar a qualidade da aprendizagem docente e do aluno.

Dessa forma, penso que a primeira atitude mobilizadora do professor p com a solidariedade de classe, seguido de um engajamento comprometido com a realidade do mundo da vida que leva a humanização do próprio homem, que sem uma educação de qualidade social não protagoniza a capacidade de pensar do sujeito. Significa que pensar na questão da educação, pedagogia e identidade o primeiro compromisso do professor é envolver-se com o processo da feitura, da construção de sua identidade profissional. É comprometer com o educar-se, visando construir uma qualidade desejada da educação na dimensão da educação humana (Carvalho, 2005, p.86).

No âmbito da pedagogia é perfeitamente compreensivo que a aprendizagem do aluno, de certa forma, está vinculada a atuação do professor, porque é a ele, em primeira instância, que lhe recai a competência “para organizar pedagogicamente os elementos de relações com o conhecimento e o estudo que consideram as experiências dos alunos. Criar no cotidiano da sala de aula a cultura do diálogo e alteridade” (idem, p.61).

No dizer Maria Amélia Franco (2012, p.38), “passados tantos séculos, desde a antiga Grécia, pode-se afirmar que a pedagogia constituiu rico acervo de teorias, práticas, pensamentos e ideias sobre as formas de pensar, organizar e construir a educação em determinada sociedade”.

Para pensar de outra forma, sobretudo de forma crítica a prática pedagógica, a imagem e aprendizagem docente, a pedagogia crítica oferece um referencial teórico importante para refletir sobre os desafios e complexidade da educabilidade humana na contemporaneidade.

O fato singular é que diante do modismo pedagógico, destituído de teoria que perpassa o imaginário e a ação docente na escola, levando a indução do olhar, simplesmente, para a lógica do indivíduo, tem dificultado pensar e desenvolver uma prática educativa para a coletividade associada ao processo de humanização, socialização e singularização da pessoa humana.

Diante de uma prática pedagógica dissociada da compreensão de ser humano, como sujeito histórico-social, ser de relações, o que se tem produzido na escola, de certa forma, é a descrença do que faz e pode fazer para desenvolver a aprendizagem de qualidade social. A falta de compreensão teórica tem levado o professor descartar a pedagogia como se ele fosse redentora, uma “fórmula mágica da educabilidade humana”.

Enquanto educador, pesquisador da formação de professor, penso que o foco dessa leitura tem ficado meramente na aparência do problema, ainda não chegou a essência da questão, projeto hegemônico que ordena a política pública de formação, valorização profissional, fundamentos e intencionalidade da educabilidade humana como prática da liberdade.

Acredito que a questão passa pela problemática de melhor compreender, circunstanciar a prática alicerçada ao pressuposto da teoria crítica de educação. Hoje, faz-se necessário mergulhar na história da pedagogia, porque ela nos traz “ideias e perspectivas que podem fecundar novas e profícuas práticas” (Franco, 2012, p.39). Isso equivale a dizer que refletir sobre a pedagogia, visando a produção de outra qualidade da educabilidade, do ensino e aprendizagem, nos obriga rever “as bases epistemológicas da construção da subjetividade pedagógica”, porque o que se percebe é que a formação do professor na atualidade tem negligenciado os fundamentos teóricos da pedagogia como ciência da práxis social.

De acordo, com a Franco (2012, p. 40), a observação da prática de professores, levou “a perceber a dificuldade de docentes em organizar uma prática que ensine os alunos. A impressão que fica é que a prática do professor é para ser exercida independentemente dos alunos e de sua aprendizagem”.

Assim pode-se inferir que, de certa maneira, o professor enquanto sujeito histórico, a sua identidade docente tem relação com a sua formação, produção de sua subjetividade e saberes pedagógicos que ordenam o conhecimento e outorgam a identidade profissional do professor, porque produz “a capacidade de articular o aparato teórico- prática, a capacidade de mobilizá-lo na condição presente, a capacidade de organizar novos saberes a partir da prática” (franco, 2008, p. 135).

A educação na contemporaneidade desafia o professor para a necessidade de uma formação intelectual que lhe proporcione capacidade teórico-metodológica para olhar e compreender os nexos que cinge a realidade. Desafia ainda que se desenvolva a capacidade de explorar o novo mundo em transformação que afetou a escola, a subjetividade coletiva e as relações humanas na sociedade, a fim de que o professor possa afirmar a sua identidade docente no espaço social complexo ordenado pela multiculturalidade.

A prática que constrói a competência do educador para o exercício da docência se fundamenta no pensamento pedagógico Freireano, ao afirmar que a,

[...] prática de ensinar que envolve necessariamente a de aprender a ensinar. Aprender a própria prática, isto é, de tomando distância dela, dela se aproxima para compreendê-la melhor. Em última análise, a prática teórica de refletir sobre as relações contraditórias entre teoria e prática. A prática de sua formação teórica permanente (FREIRE, 2001, p. 205).

Foi o movimento da produção da educação, pedagogia e feitura da identidade docente, que me levou a entender que

a qualidade de ensino para pela lógica de que para o professor ensinar, não basta experiência, tem que estudar. De certo modo, é a sua formação que determina a sua relação com o estudo e ensino. Pode-se concluir, pois, que não há educação de qualidade, tampouco um bom professor, se ele não estudar. (Carvalho, 2005, p. 89).

É também, nesta perspectiva, que Paulo Freire nos ensina que estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever, logo, os problemas que suscitam na sala de aula constitui como fonte fundamental para estudo. Para identificar, encontrar alternativas e caminhos para resolver os problemas, o professor necessita de estudar, pesquisar para ajudar os alunos a estudar. Mergulhar na pedagogia você vai encontrar um precioso caminho para compreender, organizar e construir a educação cidadã que tanto carece a nova geração oriunda da classe trabalhadora.

Mas, a questão marcante que precisa ser analisada é que

a unilateralidade da docência, centrada numa prática pedagógica descontextualizada que desqualifica o processo de ensinar, aprender e construir conhecimento por parte do educando, resulta de um ato desconfigurador da razão de ser professor. (Carvalho, 2010, p.22).

A produção de uma educação de qualidade no cotidiano da escola que gera a aprendizagem significativa e duradoura vai à direção ao contrário, exige que o professor se envolva num projeto político eivado da expectativa de transformação da realidade social. Na escola a práxis pedagógica do professor tem um caráter mediador entre o homem e conhecimento que implica numa aprendizagem. A aprendizagem significativa envolve análise dos processos de conhecimento, explicações dos mesmos, visando o rompimento do comportamento e prática cristalizada.

Para finalizar, entendo que a ação docente na arena da sala de aula, “a prática pedagógica, deve referenciar-se por uma ação significativa enquanto movimento dialógico que desafia o educando a assumir uma atitude de sujeito de seu processo de aprendizagem” (idem, p. 22). Nesta dimensão, é que o ser humano passa a ser impulsionado pela “consciência de limites e possibilidades”, porque constitui o caminho determinante que o lança ao rumo à conquista da autonomia, capacidade de pensar, que para se efetivar tem necessariamente de deixar-se guiar por princípios que envolvem a capacidade de realizar, sobretudo ancorado ao desejo e curiosidade de saber sempre mais do humano.

Por isso, que Paulo freire, afirma que,

[...] nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de sua análise sobre as suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaço-temporais (1999, p. 61).

Então, como ponto de chegada da reflexão referente à questão da educação, pedagogia e identidade docente, compactuo com o pensamento de Franco (2008, p. 134) quando afirma que “se quisermos ter bons professores, teremos que formá-los como sujeitos capazes de produzir ações e saberes, conscientes de seu compromisso social e político”. Logo, pensar na constituição da identidade docente como processo nuclear de formação docente, envolve duas dimensões indissociáveis, que são os imperativos profissionais e reflexão sobre si e o que almeja em sua realização pessoal e social. Por isso, que o processo de constituição da identidade docente na contemporaneidade, tem como exigência, o caminho da autoformação e conquista da autonomia de pensar e agir.

A ação educativa capaz de inventar e criar novas soluções pedagógicas no cotidiano da sala de aula passa pelo entendimento do trabalho docente como práxis, já que somente mediante esse entendimento é que o professor terá condição de apreender, compreender e transformar a situação de ensino num salto qualitativo de aprendizagem do educando (CARVALHO, 2005, p. 223).

Para transformar em significativa, compreendo que, a formação do professor, sobretudo, a permanente, tem como exigência, a fundamentação teórica, reflexão sobre a prática e a pesquisa, porque está consubstanciada a prerrogativa da produção de conhecimento, recontextualização do projeto e prática pedagógica, inovação do processo de ensino e aprendizagem, a fim que todos possam aprender. Para Paulo Freire (1997, p. 77), aprender “para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e á aventura do espírito”, porque é uma dimensão criadora humana.

Nesta perspectiva, como ponto final para início de novo diálogo, ousar afirmar que pensar a educação e a pedagogia como fundamento para reflexão da formação da identidade docente, tem como determinação, antes de tudo, pensar na condição humana e suas concepções acerca do que é o ser humano e no que ele pode-se torna. Isso implica pensar o ser humano na sua totalidade que envolve o aspecto da cognitividade, afetividade e sociabilidade.

Por fim, para continuar o diálogo frutífero sobre formação ao longo da vida, sobretudo a centrada na escola, apresento as seguintes questões: 1- a sua

identidade docente está alicerçada sob que base teórica, fundamento da pedagogia? 2- A sua prática docente está contribuindo para produção de que subjetividade humana? 3- Na escola que você trabalha como se estrutura e está sendo socializado o projeto de professores? 4- Que concepção de civilidade humana está expressa nesse projeto? 5- A prática formativa desenvolvida na universidade está proporcionando ao estudante construir conhecimento que lhe possibilite o discernimento entre os diversos possíveis sentidos da vida? 6-Que desafios os professores encontram para aprender e ensinar na escola contemporânea? 7-Que desafios os alunos, neste caso de pedagogia, encontram para estudar e aprender no mundo de hoje?

### REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Saber pensar é questionar**. Brasília: Liber livro, 2010.

CARVALHO, Ademar de Lima. **Os caminhos perversos da educação**: a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula. Cuiabá: Edufmt, 2005.

\_\_\_\_\_. A qualidade da educação: uma exigência possível. In: **série-estudos**. N. 29 (jan/jun. 2010): Campo Grande: UCDB, 2010. pp.19-28.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santo. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia como ciência da educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (org.) São Paulo: editora UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 23.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

## GESTÃO ESCOLAR: PARTICIPAÇÃO E AUTONOMIA

Margarete Fátima Pauletto<sup>11</sup>

Maria Eunice Garcia Florentino<sup>22</sup>

Zilda De Oliveira Rodrigues Dos Santos<sup>33</sup>

Alessandra Lira Ribeiro<sup>44</sup>

### RESUMO

Este trabalho é resultado de uma reflexão feita durante a realização do estágio supervisionado em gestão escolar no curso de Pedagogia da Faculdade EDUVALE. Entendemos ser este um momento de suma importância para a formação em pedagogia visto que observar o cotidiano escolar nos permitiu relacionar teoria e prática e ter uma dimensão mais concreta da realização profissional. Realizamos as horas práticas em uma Escola pública de Juscimeira-MT e aplicamos um questionário. A partir das observações e das respostas obtidas no questionário evidenciamos o tópico participação e autonomia visto que o *lôcus* observado apresenta concepções e práticas pautadas nestes quesitos de gestão.

**PALAVRAS-CHAVE:** gestão escolar; estágio; participação.

### RESUMEN

Este trabajo es el resultado de una reflexión hecha durante la realización de prácticas supervisadas en la administración de la escuela en la Facultad de Pedagogía de la EDUVALE. Entendemos que este es un momento de gran importancia para la formación pedagógica, ya que observan la escuela todos los días nos permitió vincular la teoría a la práctica y tener una dimensión más concreta de los logros profesionales. Realizamos horas prácticas en una escuela pública Juscimeira-MT y aplicamos un cuestionario. A partir de las observaciones y las respuestas al cuestionario se evidencia la participación tema y la autonomía desde el *locus* observado presenta conceptos y prácticas basadas en estas cuestiones de gestión.

**PALABRAS CLAVE:** gestión de la escuela; etapa; participación.

---

1 Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP, Professora de Língua Portuguesa do Município de Rondonópolis e do Estado de Mato Grosso, Professora da Faculdade EDUVALE, Estágio Pós-doctoral en El Instituto de Investigaciones en Educación - Xalapa, Ver – México, Pesquisadora Líder do GEPEMAPI (Grupo de Estudos e Pesquisa em Metodologia Avaliação e Práticas Inovadoras). E-mail: margaretepauletto@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade EDUVALE

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade EDUVALE

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade EDUVALE.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma reflexão feita durante a realização do Estágio Supervisionado em Gestão Escolar, do curso de Pedagogia da Faculdade EDUVALE que tem por finalidade conhecer o ambiente organizacional da instituição escolar, onde professores, coordenadores, gestores e membros de uma gestão escolar trabalham em conjunto para dar uma educação de qualidade aos seus alunos.

Durante o processo do trabalho de campo pudemos ter uma visão global da escola, como a mesma é administrada e entender as condições favoráveis de aprendizagem, seu funcionamento e seus objetivos. O que nos ajudará a responder aos desafios do presente e do futuro e agir de maneira responsável na sociedade de hoje.

De acordo com Libâneo (2009, pp. 370 e 371),

O funcionamento da escola e, sobretudo, a qualidade da aprendizagem dos alunos dependem de boa direção e de formas democráticas e eficazes de gestão do trabalho escolar. É preciso estar claro que a direção e administração da escola são meios para garantir os objetivos educacionais. Dessa forma, uma escola bem organizada administra com eficiência seus recursos materiais e financeiros, assim como o trabalho de seu pessoal, e emprega processos e procedimentos de gestão, propiciando as condições favoráveis as atividades de ensino e aprendizagem.

Portanto este trabalho tem o objetivo de descrever e refletir sobre uma prática de gestão escolar observada durante o trabalho de campo bem como dar ênfase e fortalecer a relação da teoria e pratica baseada no princípio metodológico de que o desenvolvimento de competências profissionais implica em utilizar conceitos adquiridos, na vida acadêmica e profissional.

Percebemos o quanto esse momento é importante, pois para ser professor é preciso passar pelo chão da escola. É por meio do estágio que o pedagogo passa a conhecer seu campo de atuação e também tirar suas conclusões a respeito da sua profissão.

## ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO LÓCUS OBSERVADO

No dia 19 de março de 2014, estivemos em uma escola pública estadual do município de Juscimeira-MT. Apresentamo-nos como alunas regularmente matriculadas no 7º Semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade EDUVALE, a

estagiar nessa conceituada Escola para o Estágio Supervisionado em Gestão Escolar.

No período em que estivemos na escola observando percebemos que é uma escola com um número pequeno de alunos, sendo bem organizada. Fomos bem recebidos por todos da escola, a diretora é bastante comunicativa, anda de sala em sala e os alunos a procuram para conversar, a nosso ver é uma gestão bem participativa. Enquanto estávamos observando percebemos também a presença de pais a procura da direção da escola, os quais foram bem recebidos.

No primeiro momento conversamos com a diretora, fizemos uma entrevista individual com cinco educadores: Diretora, Coordenadora, Secretário e duas Professoras. Sobre o seu entendimento de Gestão Democrática, como descrevia a gestão desta escola, se é possível afirmar que nesta escola a gestão é encaminhada por meio de um processo democrático, qual o perfil de um gestor, a importância do PPP na escola, como ele é construído, o que entendia por autonomia da escola, características que estão presentes em uma escola que trabalha o coletivo, a importância do diálogo para gerir uma comunidade escolar, como o conselho desempenha seu papel, que a diretora falasse de sua experiência como gestora, se algum deles já exerceu a função de gestor e que contassem um pouco de sua experiência. Depois de ter realizado a entrevista, analisamos as respostas para a tabulação dos dados. Em seguida analisamos o Projeto Político Pedagógico (PPP).

O funcionamento desta escola se dá em três turnos, o pátio interno é todo em concreto nele estão plantadas cinco árvores, contém em suas dependências cinco salas de aula, uma como sala de laboratório de informática e a outra como sala de biblioteca, 3 armários de aço, uma estante, dois televisores vários livros literários e didáticos, e as outras três usadas para ministrar aulas distribuídas nos três períodos.

Possui também uma dependência administrativa com dois computadores com acesso a internet, uma mesa de escritório, 2 armários de aço e duas mesas para computador, uma cozinha com 1 freezer, 1 geladeira, 1 armário de aço e outro de madeira, 1 fogão industrial e 1 forno elétrico. Cinco banheiros sendo quatro para uso dos alunos, dois para atender pessoas com necessidades especiais e para uso dos profissionais da educação e visitas. Há também uma sala para os educadores com 1 banheiro, 1 computador com acesso a internet, 3 armários, 1 mesa para reunião, 1 mesa de escritório e 1 geladeira. Conta também com uma quadra de esportes somente com o piso sem cobertura e sem iluminação. É muito importante que a escola tenha um local adequado para a prática esportiva, mas não tendo o

professor deve usar da melhor maneira possível os espaços disponíveis criando um ambiente que o ajude nas aprendizagens dos alunos basta que ele use um pouco sua imaginação.

Assim diz o PCN (2000, p. 41), “A aula de Educação Física pode favorecer a construção de uma atitude digna e de respeito próprio por parte do deficiente e a convivência com ele pode possibilitar a construção de atitudes de solidariedade, de respeito, de aceitação, sem preconceitos”.

A escola aguarda a construção de uma quadra poliesportiva com solicitação registrada através do protocolo nº149176/2008 e no ano de 2012 com o protocolo 92086/2012, e com o protocolo nº92093/2012 para construção de um refeitório. A escola encontra se parcialmente adequada pra o atendimento de pessoa com de necessidades especiais.

O seu quadro de funcionário está composto por oito professores sendo três que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, cinco no ensino médio, 1secretario, diretor, 1coordenador, 1técnico de informática, 1bibliotecario, 3 nutricionistas, 3 vigias, 3 (AAE) limpeza e 2 pessoas em desvio de função que atuam como agente de pátio. Todos esses profissionais são de suma importância para escola, pois cada um em sua função garante o bom funcionamento da mesma.

Na escola as propostas pedagógicas são trabalhadas de acordo com as diretrizes nacionais da educação, a política pública da educação entre outros, não deixando de respeitar as práticas pedagógicas, o tempo e as diferenças individuais de cada aluno, pois só assim poderá em cada contexto concreto, buscar as melhores formas de intervenção pedagógica, não ficando vítima de modismo e estando capacitado para enfrentar as desafiantes pressões do ambiente.

De acordo com o PCN (2001, p. 33),

Para isso faz-se necessária uma proposta educacional que tenha em vista a qualidade da formação a ser oferecida a todos os estudantes. O ensino de qualidade que a sociedade demanda atualmente expressa-se aqui como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais [...].

Ao observar a proposta Pedagógica da escola no Projeto Político Pedagógico verificou-se que em relação às práticas pedagógicas estão buscando mudanças. Portanto o ponto de partida da eventual mudança, e procurar fazer o melhor, logo há uma ética, um compromisso, um desejo de acertar. Segundo Libâneo (2009, p. 357), o projeto pedagógico-curricular é um documento que reflete as intenções, os objetivos, as aspirações e os ideais da equipe escolar, tendo em vista um processo de escolarização que atenda a todos os alunos.

O planejamento pedagógico é elaborado por meio de uma ação planejada e refletida do professor no dia a dia da sala de aula, a escola realiza seu maior objetivo: possibilitar situações para que os alunos aprendam e adquiram o desejo de aprender cada vez mais e com autonomia. A dimensão do planejamento só se efetuará de forma interdisciplinar e transdisciplinar, perpassando todas as áreas do ensino, em que a temática inspira-se em projetos e trabalho que priorizem atitudes e hábitos de indagação, interpretação, pesquisa e síntese.

A visão da escola neste contexto e o trabalho escolar, só terão rendimento se for coletivo, se houver ajuda mutua, desde os pais, alunos, funcionários, técnicos, gestores, coordenação e professores, sabemos que ninguém vive sozinho, assim também é o trabalho pedagógico. Ele necessita da prática pedagógica, como também precisa da troca de experiências para consolidar os objetivos propostos no planejamento.

Na referida escola se entende que a avaliação é parte integrante e fundamental no processo educativo. Um bom processo de ensino-aprendizagem inclui uma avaliação inicial, para o planejamento do professor (avaliação diagnóstica).

A avaliação precisa ser um instrumento participativo para melhoria da qualidade da escola.

Nesta escola se trabalha a gestão democrática visto que os gestores buscam de todas as formas envolverem a todos os profissionais nas tomadas de decisões na escola, tanto diretor quanto coordenador trabalha nesta mesma linha de pensamento que todos são responsáveis pela escola, funcionários, pais e toda comunidade.

Segundo Paro (2002, p.61), “[...] A tarefa da administração é a de fazer coisas através das pessoas e que a eficácia com que as pessoas trabalham em conjunto para conseguir objetivos comuns depende principalmente da capacidade daqueles que exercem função administrativa”.

Periodicamente há reuniões com funcionários para colocá-los a par dos acontecimentos, e também com os pais que em sua maioria comparecem criando assim um clima de compromisso que envolve a todos. Em se tratando de uma gestão democrática sempre há divergências de pensamento, mas nada que coloque em risco o bom desenvolvimento do processo.

## **PARTICIPAÇÃO E AUTONOMIA**

No período de regência do estágio supervisionado de gestão uma das atividades solicitadas foi a realização de uma entrevista com cinco educadores da escola observada. A mesma foi organizada em forma de questionário, com 10 questões, que trata de uma forma geral sobre a gestão escolar e como é desenvolvido este trabalho no dia-a-dia da escola.

A partir do questionário aplicado, obtivemos as respostas e podemos perceber que a gestão democrática no contexto analisado é entendida como participativa e que a autonomia não é algo a ser implantado, mas, sim a ser assumido pela própria escola, visto que todos os entrevistados responderam que para garantir a democracia exige-se a participação popular e a presença ativa de todos. Então podemos constatar que as respostas foram unânimes. Sendo assim resolvemos desenvolver uma sucinta análise sobre a gestão como forma de participação e autonomia no intuito de apontar pontos semelhantes e divergentes tanto nos aspectos teóricos/concepções quanto práticos.

De acordo com Libâneo (2003, p. 337)

A concepção democrático-participativa de gestão valoriza o desenvolvimento pessoal, a qualificação profissional e a competência técnica. A escola é um espaço educativo lugar de aprendizagem em que todos aprendem a participar dos processos decisórios, mas constitui também o local em que os profissionais desenvolvem seu profissionalismo.

Percebemos que a escola demonstra ter a participação de todos os envolvidos no ambiente escolar, tendo o objetivo maior de garantir a participação e a autonomia da mesma. Visto que a melhoria do gerenciamento da escola visa também a melhoria da qualidade do ensino.

Segundo Libâneo (2003, p. 328),

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática, possibilitando o envolvimento de todos os integrantes da escola no processo de tomadas de decisões e no funcionamento da organização escolar. A participação proporciona melhor conhecimento dos objetivos e das metas da escola, de sua estrutura organizacional e de sua dinâmica, de suas relações com a comunidade, e propicia um clima de trabalho favorável a maior aproximação entre professores, alunos e pais.

Tivemos oportunidade de ver como se dá o trabalho da gestão escolar nesta escola e vimos que parece que se trabalha a gestão democrática.

De acordo com a LDB a gestão democrática em seus artigos 14 e 15 apresentam as seguintes determinações:

Art. 14 - Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

- I. Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II. Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Nesta concepção de gestão todos devem participar ativamente das decisões tomadas. E isto acontece nesta instituição, pois secretário coordenador e diretor, enfim, comunidade escolar se interage de maneira pacífica, todos são importantes independentes do cargo que ocupam. Concordamos com Libâneo (2003, p. 333),

A autonomia é o fundamento da concepção democrático participativa de gestão escolar, razão de ser do projeto pedagógico. É definida como a faculdade das pessoas de auto governar-se, de decidir sobre o próprio destino. Instituição autônoma é a quem tem poder de decisão sobre os seus objetivos e sobre suas formas de organização, que se mantém relativamente independente do poder central e administra livremente recursos financeiros.

Sendo assim, o conceito de participação se fundamenta no de autonomia, que significa a capacidade das pessoas e dos grupos de livre determinação de si próprios, isto é, de conduzirem sua própria vida (Libâneo, 2000). De acordo com o que diz em sua filosofia “a escola tem como dever garantir a participação e autonomia e elaborar uma proposta educativa construída por todos os sujeitos envolvidos no ambiente escolar”.

Segundo Libâneo, (2000, p. 60):

Como a autonomia se opõe às formas autoritárias de tomada de decisão, sua realização concreta nas instituições é a participação. Portanto, um modelo de gestão democrático-participativa tem na autonomia um dos seus mais importantes princípios, implicando a livre escolha de objetivos e processos de trabalho e a construção conjunta do ambiente de trabalho.

Nesse contexto, a autonomia traz responsabilidade, que deve ser de todos os integrantes da equipe escolar pelos resultados alcançados e também pela transparência e prestação de contas do que se faz. É preciso que a autonomia seja em cada escola, uma oportunidade de revisão dos compromissos com a educação.

Um gestor eficiente é aquele que consegue administrar a instituição onde trabalha de maneira organizada, utilizando sempre o bom senso, criatividade e respeito à instituição e aos profissionais que nela estão pensando a escola como um todo e não em partes separadas.

Ainda de acordo com Libâneo (2000, p. 62),

[...] O diretor de escola é o responsável pelo funcionamento administrativo e pedagógico da escola, portanto, necessita de conhecimentos tanto administrativos quanto pedagógicos. Entretanto, na escola, ele desempenha predominantemente a gestão geral da escola e, especificamente, as funções administrativas.

Assim sendo o trabalho da gestão escolar é de suma importância na busca por uma escola de qualidade e durante o estágio pudemos perceber que não é uma tarefa fácil, pois é difícil entender e atender a todos de maneira que não pareça que se está mandando e sim apontando caminhos, compartilhando ideias. Acreditamos que com coragem e principalmente perseverança é possível alcançar uma escola melhor para todos.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

O Estágio Supervisionado em Gestão Escolar é o momento de transição entre o docente em formação e o profissional da educação e é muito gratificante, é uma experiência inesquecível e importante para a formação de educadores, tendo em vista que mesmo com o conhecimento teórico é de suma importância que passemos pelo estágio. Uma vez que o graduando necessita se preparar para identificar e interpretar problemas e propor soluções para os problemas que enfrentará no cotidiano da profissão, além de ser o momento de descobertas de todas as suas potencialidades e a de traçar metas a serem alcançadas em prol da aprendizagem do aluno.

O presente trabalho nos proporcionou ter uma visão de como resolver problemas e de como agir em um ambiente escolar, levando em conta o dia-a-dia dos alunos, lembrando que somos educadores e que cada um depende de um olhar especial para o seu desenvolvimento.

Neste sentido durante o período de estagio pudemos perceber que nem sempre o que vimos teoricamente pode ser colocado em pratica em sua totalidade. É preciso analisar a escola e o contexto sociocultural no qual ela está inserida, pois em alguns casos é preciso adequar o trabalho a ser desempenhado de acordo com a realidade vivida naquele local. A gestão deve estar atenta à realidade vivida pela comunidade escolar e em consequência à realidade da escola para que seu trabalho seja realmente voltado para a educação renovadora.

### **REFERÊNCIAS**

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais: **introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3 ed. Brasília: A Secretaria 2001.

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais: **educação física** / secretaria de Educação Fundamental. 2 ed. Rio de Janeiro: 2000.

LIBANÊO, Jose Carlos. **Organização da escola: teoria e prática** / Goiânia: Ed. Autor, 2000.

LIBANÊO, Jose Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização** 8 ed. – São Paulo: 2009 Cortez.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da escola pública**. 3. Ed. São Paulo. 2002.

## PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO NO LANÇAMENTO DE PRODUTO NO SETOR DE AGRICULTURA DE PRECISÃO

Willian Roberto Ceciliano<sup>11</sup>

### RESUMO

O estudo ora apresentado aborda a questão da importância do planejamento para o lançamento de um produto no setor de agricultura de precisão. As ferramentas de agricultura de precisão podem auxiliar o produtor rural a visualizar mais detalhadamente cada talhão de sua propriedade, permitindo aumentar a eficiência do sistema de produção através do manejo e do uso racional dos fertilizantes e insumos, diminuindo custos, aumentando a produtividade, e, conseqüentemente, maior lucratividade da propriedade. Para tanto foi realizado um estudo de caso do planejamento estratégico na empresa APMAX para lançamento de produto no setor de agricultura de precisão. Nesse enfoque, considerou-se que um problema qualquer não pode ser visto e atacado de forma isolada, e sim, entendido em sua relação com as demais condições da propriedade, pois com o mapeamento da produção, aliado com as amostragens de solos georeferenciadas e aplicação da taxa variada dos corretivos, forma-se uma aproximação mais real do que a planta necessita. Ressalta-se, ainda, a importância da busca do equilíbrio de cada parte (talhão) da propriedade, visto que os elementos equilibrados entre si se tornam disponíveis uns pelos outros. Exemplos: Mg baixo causa inibição de P, Mg em excesso causa inibição de K, P em excesso causa inibição de Zn, K em excesso causa inibição de Cu e B. Considera-se que a lei do mínimo (barril) colocada em prática, propiciará melhores resultados.

**Palavras-chave:** Planejamento estratégico. Agricultura de precisão. Sistema de produção.

### INTRODUÇÃO

Nesse artigo, será demonstrada a necessidade real de um Planejamento Estratégico sobre a Inovação de um produto para a Verdadeira Agricultura de Precisão, pois, a Agricultura de Precisão tende a deixar de ser um tema complicado e misterioso para ser uma necessidade para poder interagir com os seus pares. Mais do que isso, passa a ser uma necessidade do cliente, que deseja incorporar técnicas de Agricultura de Precisão no seu empreendimento. O domínio das ferramentas envolvidas requer certa dedicação, mas oferece ao profissional um novo horizonte que lhe permite agregar técnicas gerenciais inovadoras e incorpora um novo valor ao seu conhecimento e aos serviços que depara, pois conforme afirma Searcy (1997),

---

<sup>11</sup> Administrador graduado pela UNIC Campos Rondonópolis com o Registro no Conselho de Administração sob o número 06860. CECILIANO, W. R. Anhanguera / Rondonópolis [willianroberto@gmail.com](mailto:willianroberto@gmail.com)

A ideia da agricultura de precisão é saber o solo e características da produção que causam uma produção diferente para cada parte do campo, e aperfeiçoar as entradas de insumos dentro de porções pequenas do campo. A filosofia atrás de agricultura de precisão é aquela de que os insumos (semente, fertilizante, substâncias químicas, etc.) só deveriam ser aplicados conforme as necessidades e que estes sejam mais econômicos para produção. (p04)

O levantamento do mapeamento da produção, aliado com as amostragens de solos georeferenciadas e aplicação à taxa variada dos corretivos, forma-se então uma aproximação mais real do que entendemos de agricultura de precisão ou agricultura de informação.

Assim sendo, o estudo ora apresentado aborda a questão da importância do planejamento para o lançamento de um produto no setor de agricultura de precisão. As ferramentas de agricultura de precisão podem auxiliar o produtor rural a visualizar mais detalhadamente cada talhão de sua propriedade, permitindo aumentar a eficiência do sistema de produção através do manejo e do uso racional dos fertilizantes e insumos, diminuindo custos, aumentando a produtividade, e, conseqüentemente, maior lucratividade da propriedade.

A pesquisa foi de caráter exploratório, pois se buscou no meio prático a aplicação dos questionamentos. Sob esse contexto, escolheu-se como entidade para a pesquisa a APMAX – Tecnologia em Agricultura de Precisão, empresa de caráter privada com atividade no meio de Agronegócio Brasileiro. Para tanto foi realizado um estudo de caso do planejamento estratégico na empresa APMAX para lançamento de produto no setor de agricultura de precisão.

A APMAX foi escolhida por seu histórico de credibilidade e referencial no mercado agrícola brasileiro; por ser agente de apoio nas políticas do Agronegócio na América Latina. Para a escolha, também foi levada em consideração a facilidade de acesso aos seus gestores. A pesquisa foi determinada através das entrevistas com 5 (cinco) gerentes de diferentes níveis da empresa no durante os anos de 2002 até 2011, sem aviso prévio e identificação dos mesmos.

Para a análise dos dados foi utilizada a “análise swot”, a qual, segundo Mintzberg (2000, apud MARTINS e TURRIONI, 2002),

Está enquadrada no contexto de formação estratégica da Escola do Design, que nos anos 60 apresentou a formulação de estratégia como um modelo que busca atingir uma adequação entre as capacidades internas e as possibilidades externas de uma organização. (p 68)

O enriquecimento competitivo está cada vez mais entusiasmando as estratégias das grandes e pequenas instituições. Esse ambiente inflige que, indispensavelmente, as empresas utilizem de metodologias as quais possam ser

dadas as informações mais relevantes aos seus gestores, os quais as empregarão nas tomadas de decisões.

Conforme Porter (1992, apud GONÇALVES, 2002) “apenas dois fatores determinam a vantagem competitiva: as condições iniciais e a escolha dos dirigentes”. Na metodologia de gestão, as empresas são abrangidas por inúmeras variáveis, o que torna cada vez mais indispensável bastante atenção na hora de se delinear os pilares de suas estratégias. Daí, nesse sentido, o que Porter falou torna-se crucial, pois há de se tomar ciência sobre os cenários para que aconteça a então escolha tomada pelos dirigentes (MEDEIROS et al, 2013)

Ainda para Medeiros et al (2010 p. 2) “ há um amplo leque de ferramentas que liberam as mais diferentes análises sob inúmeras perspectivas. Todas elas possuem, obviamente, focos e objetivos distintos, apesar de algumas semelhanças”. Sendo assim, Dentro desse patamar, será oferecido neste artigo um tipo de análise que visa suprir e embasar os tomadores de decisões para a gestão da organização. A análise SWOT representa as Forças (Strengths), Fraquezas (Weaknesses), Oportunidades (Opportunities) e Ameaças (Threats) (MEDEIROS et al, 2010).

A análise SWOT ajuda a compreender o que precisa ser melhorado e o que pode ser aproveitado para ganhar participação de mercado.

De acordo com o Instituto PHD<sup>22</sup> Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2011),

A luta pelo domínio do mercado consumidor é sempre constante. Não importa qual é o tipo de produto ou serviço que uma empresa oferece, sempre haverá concorrentes lutando pelos clientes. Por isso, a variação da relação compra e venda de produtos e serviços é constante. É importantíssimo estar por dentro de como anda esta luta entre você e as empresas que trabalham na sua área de atuação. O conceito de Market Share é baseado justamente nesta disputa de mercado. Market Share é o termo que designa a participação de uma empresa em algum ramo de atuação. (Acessado dia 06 de novembro de 2011)

## **AGRICULTURA DE PRECISÃO OU AGRICULTURA DA INFORMAÇÃO**

---

<sup>2</sup> O Instituto foi criado sob a ideologia de mostrar aos clientes não somente números e proporções, mas também interpretações e conclusões estatísticas de alta qualidade. E é exatamente essa a proposta do Instituto PHD: oferecer um verdadeiro Diferencial em Pesquisas. O Instituto PHD faz pesquisas para indivíduos, corporações ou para entidades. Nossos valores centrais são a qualidade absoluta e o rigor analítico, e o nosso controle sobre o processo é absoluto – da coleta de dados ao relatório final. Composto essencialmente por Bacharéis em Estatística formados pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, SP), o Instituto PHD conta com especialistas em Marketing capazes de entregar campanhas com alto grau de assertividade. O Instituto foi criado sob a ideologia de mostrar aos clientes não somente números e proporções, mas também interpretações e conclusões estatísticas de alta qualidade.

No início da nossa história o homem primitivo tinha um comportamento nômade, porque estava sempre em busca de alimentos, quando passou a dominar as primeiras técnicas agrícolas fixou-se e começaram a surgir as comunidades. Durante muito tempo as atividades agrícolas foram influenciadas pela falta de domínio do homem sobre os fatores que produzem fortes oscilações nos resultados de seus esforços.

Hoje a Agricultura de Precisão é uma realidade, segundo dados estatísticos dos órgãos de conservação do meio ambiente, estamos quase no limite de expansão de nossas fronteiras agrícolas. A população diferente a isso continua crescendo e a única forma para aumentar a produção de alimentos é melhorar a produtividade das nossas lavouras.

Em resposta a esse desafio é que esse artigo foi elaborado.

O termo agricultura de precisão engloba o uso de tecnologias atuais para o manejo de solo, insumos e culturas, de modo adequado às variações espaciais e temporais em fatores que afetam a produtividade das mesmas (FERREIRA, 2002, p12-17).

Mas a Agricultura de Precisão não está vinculada somente ao uso de ferramentas de alta tecnologia, pois as suas bases podem ser aplicados no dia-a-dia das propriedades pela maior organização e controle das atividades, dos gastos e produtividade em cada área. A colocação da caracterização já ocorre na divisão e localização das lavouras dentro das propriedades, na divisão dos talhões ou piquetes, ou simplesmente, na identificação de “manchas” que diferem da produtividade geral de cada talhão ou piquete. A partir dessa divisão da produtividade, o tratamento diferenciado de cada porção é a início da aplicação do conceito de Agricultura de Precisão.

A agricultura de precisão é uma filosofia de gerenciamento agrícola que parte de informações exatas, precisas e se completa com decisões exatas. Agricultura de precisão, também chamada de AP, é uma maneira de gerir um campo produtivo metro a metro, levando em conta o fato de que cada pedaço da fazenda tem propriedades diferentes (ROZA, 2000).

### **Ciclo de vida de produtos**

De acordo com Fiksel (1997), "o ciclo de vida é uma sequência de fases relacionadas com um produto, processo, serviço, instalação ou empresa". Esse autor aponta que existe diferença entre o ciclo de vida econômico de um produto e processo do ciclo de vida físico. O primeiro é uma sequência de atividades desde a criação do produto, seu desenvolvimento, lançamento, fabricação, manutenção,

reavaliação e renovação. O ciclo de vida econômico de um processo envolve sua criação, projeto das instalações e equipamentos, construção, operações manutenção e retirada ao final da sua vida. O ciclo físico de um produto é uma sequência de transformações de materiais e energia que inclui a extração de matérias-primas, fabricação, distribuição, utilização, recuperação de materiais, reciclagem e reuso. O ciclo do processo também envolve a transformação de materiais e energia, sendo que um mesmo processo pode implicar na produção de vários produtos e um mesmo produto pode implicar vários processos.

A vida de qualquer produto acompanha o mesmo ciclo de vida de animais e vegetais: alguns com o ciclo de vida curto, outros com um ciclo mais longo. Do ponto de vista mercadológico, para cada etapa do ciclo há um desafio estratégico a ser observado. Na prática, para calcular o ciclo de vida de um produto, é importante observar que cada tipo de produto pode ter um ciclo diferente, com durações distintas em cada fase da vida. (COBRA, 2000, p84.)

## **ESTUDO DE CASO: PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO NA EMPRESA APMAX PARA LANÇAMENTO DE PRODUTO NO SETOR DE AGRICULTURA DE PRECISÃO**

### **Descrição da empresa**

A APMAX é uma empresa especializada em Agricultura de Precisão, fundada em 1999. A empresa está localizada em Rondonópolis, no Bairro Coopha Rondon. Especializada em levantamento do mapeamento da produção, aliado com as amostragens de solos georeferenciadas e aplicação da taxa variada dos corretivos, forma-se então uma aproximação mais real do que se entende como AGRICULTURA DE PRECISÃO ou AGRICULTURA DE INFORMAÇÃO.

A empresa estabeleceu seu nicho de mercado em 2002. Projeções para o próximo ano indicam a expansão de carteira de clientes para novo mercado e regiões do Mundo. As projeções de fluxo de caixa dão apoio “a certeza de que a empresa terá fundos suficientes para arcar com os compromissos assumidos, contratar mais funcionários e programar as ações planejadas de marketing”.

O sucesso da empresa é resultado direto da habilidade que possui em prover serviços personalizados a custos competitivos, criando uma base fiel de clientes.

A taxa projetada de crescimento para o mercado de Agricultura de Precisão é de 10% ao ano. Com o planejamento, pretende-se expandir o negócio em novos

produtos e serviços e com tecnologia de ponta, marketing e empregados adicionais para atender a demanda.

A taxa projetada de crescimento para o mercado de Agricultura de Precisão

A APMAX está direcionada na diminuição de impactos ambientais com tecnologia de ponta, buscamos aprimoramentos diários e constantes tanto em seu quadro pessoal quanto em maquinário. Buscamos a máxima qualificação intelectual de seus colaboradores auxiliando-os com cursos técnicos, workshop, feiras no setor de geotecnologias, palestras e graduação, sempre inovando e aplicando com máxima precisão os conhecimentos adquiridos. Em 2009 a empresa inovou aparecendo pela primeira vez em “terras” internacionais, ampliando o mercado para a América do Sul. Isso foi apenas o início, um “market share” muito promissor e buscando antecipar a necessidade e as expectativas dos agricultores com uma maior eficiência em rentabilidade e o mais importante, com menor impacto ambiental.

### **Análise do ambiente interno**

A APMAX trabalha com geração de informação georeferenciada (geoinformação), sempre direcionado para a inovação, pesquisa e com a precisão que o agronegócio brasileiro e mundial exige e necessita. Com uma equipe capacitada, busca o melhor formato de desenvolver formas de tecnologia, rentabilidade e redução de custo, com baixo impacto ambiental. Lembramos ainda que não seja muito confortável implantar questões inovadoras em áreas agrícolas ou pecuárias no Brasil, pois, existem ainda muitas formas arcaicas de administração, literalmente dizendo, dificultando assim, qualquer questão inovadora mesmo que seja para aumentar o rendimento e a diminuição de custo.

Sendo assim o grupo de PDI da APMAX, em constante estudo e pesquisa, sempre em busca de questões inovadoras procura desenvolverem produtos e serviços de acordo com a necessidade do mercado agrícola. Cada “inovação” tem sua peculiaridade, não tem um padrão definido. Sua metodologia de apuração vai de acordo com as necessidades. Um bom exemplo foi quando identificamos a necessidade de executar Registro de Informação com Navegação em Tempo Real (NTR-RI), fizemos a pesquisa, desenvolvemos a metodologia e adquirimos os equipamentos, posteriormente, tivemos que ir a campo para efetuar a apuração dos resultados, então não tem uma metodologia padrão para os produtos em desenvolvimentos pela empresa.

A APMAX preocupa em contribuir com o desenvolvimento do agronegócio, agregando valores, respeitando o meio ambiente e melhorando com a vida da comunidade. Com foco na inovação e nas práticas comerciais e tecnologia inteligente vem a mente. Mas mesmo conforme nós continuamos a crescer, temos o compromisso de manter a sensação de empresa pequena. Na APMAX, sabemos que cada funcionário tem algo importante a dizer e que cada um deles é parte integrante de sucesso. E onde mais um novato pode, descarada e confiantemente, atropelar um funcionário corporativo e graduado em um jogo de ping-pong ou na mesa de sinuca? Na APMAX isso é possível. A APMAX oferece vários benefícios incluindo opção de programas médicos, comissões, licença paternidade e vários outros. A APMAX oferece a liberdade de um início com a estabilidade de uma empresa de médio porte, lucrativa e que cresce constantemente. Nosso recurso mais valioso são as pessoas: pensadores enérgicos e inovadores que se preocupam igualmente em fazer um excelente trabalho e em criar uma cultura formidável para todos os funcionários. Mesmo a melhor das tecnologias pode ser melhorada. Nós enxergamos oportunidades infindáveis de criar produtos ainda mais relevantes, mais úteis e mais rápidos para nossos usuários.

A APMAX é uma empresa inovadora, porque buscou realizar algo que não existia, projetou, colocou em prática e chegamos a resultados fantásticos. Somos a única empresa a nível mundial que realiza este tipo de serviços. Tudo criado por nós da APMAX.

Sabemos que o Potássio e Fósforo são gerados de fontes que se esgotarão, portanto o futuro com APMAX é um futuro promissor, pois com a nossa tecnologia o produtor se permite a utilizar menos fertilizantes e corretivos, aplicando somente o necessário onde há necessidade.

O mercado destinado a nossa tecnologia é principalmente aquele que lidera as exportações e equilibra a balança econômica do Brasil, a Agricultura.

Desta forma nos sentimos orgulhosos em contribuir com o aumento de lucratividade do produtor e assim mantê-lo produzindo.

## **Equipe Gerencial**

A equipe gerencial da APMAX é um dos pontos fortes do negócio, sendo composta por vários profissionais que possuem sólida experiência em agricultura de precisão e tecnologia de informação, atuando há mais de 07 anos, possuindo

formação e, sobretudo, motivação para enfrentar e superar os desafios de administrar, gerar resultados positivos e conquistar uma participação de mercado expressiva para o empreendimento.

Os recursos humanos - a capacidade de iniciativa, a competência profissional, a inventividade, a disciplina e o hábito de agir no recente tendo em vista o futuro – são fatores de produção pelo menos tão importantes para a criação de riqueza quanto qualquer outro tipo de capital. Ao contrário do que acreditavam os teóricos do desenvolvimentismo, para os quais a acumulação de capital físico no setor industrial era a chave do crescimento, a tendência do mundo moderno é clara no sentido de tornar o cérebro humano cada vez mais, o fator decisivo para o sucesso econômico (FONSECA , 1995, p72).

• **Presidente:**

O presidente e uma organização é o que possui maior responsabilidade, pois a decisão final é feita por ele, e todas as suas consequências são toleradas por todos os membros da empresa. É o responsável por fazer a empresa funcionar, e pelas táticas que a empresa irá adotar como forma de dar continuação ao trabalho ou como modificação de ação.

• **Gerente de Marketing:**

Gerencia o planejamento de mercado, propaganda, relações públicas, promoção de vendas e Merchandising. Identifica novas oportunidades de mercado e avalia a concorrência. Identifica e estabelece estratégias para atingir mercados estrangeiros.

• **Gerente de Vendas:**

Dirige o staff, treina e avalia o desempenho para desenvolver e controlar o programa de vendas. Gerência as vendas estabelecendo territórios, quotas e metas e se relacionam com distribuidores. Analisa estatística para formular políticas e assistir os revendedores nas promoções de vendas.

• **Gerente Financeiro:**

Gerencia o capital de trabalho, incluindo contas a receber, estoques, caixa e títulos negociáveis. Elabora e controla orçamentos de capital e orçamentos de caixa. Responsável pela elaboração de demonstrações financeiras, fontes de financiamento externas e condições de financiamento.

• **Gerente de P&D:**

Dirige e coordena atividades relacionadas com Pesquisa e Desenvolvimento de conceitos, ideias, especificações e aplicações para o desenvolvimento de novos produtos e serviços. Supervisiona desenvolvimento de produto incluindo controle de qualidade, distribuição física, desenho e embalagem.

• **Gerente de Operações:**

Dirige produção, compra de materiais, serviços de campo, manutenção e serviço ao cliente.

• **Controller:**

Dirige os assuntos financeiros da organização. Prepara análise das demonstrações financeiras e das operações para a gerência. Prepara análise com a posição financeira da empresa quanto a entradas, despesas e lucro com base nas operações presentes e futuras. Dirige a preparação de orçamentos e planejamento financeiro. Relaciona-se com auditoria externa da contabilidade da empresa.

**Parceiros Estratégicos**

A APMAX buscando sempre a diminuição de custo e melhorando ainda mais o seu atendimento, firmamos algumas parcerias que entendemos ser de grande valia para nossos cliente e parceiros.

Temos parcerias com alguns fornecedores, sendo eles: INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), IMAGEM – Soluções de Inteligência Geográfica, CONAE (Comision Nacional de Actividades Espaciales (ARGENTINA) e SPOT (Satellite Pour l'Observation de la Terre de la France).

## **Mercados Concorrentes**

Em algumas partes do processo de Agricultura de Precisão, encontramos algumas empresas que tentam criar alguma concorrência, mas sabemos que nenhuma empresa até o presente dada tem capacidade técnica e pessoal para que possa nos preocupar.

Por isso que a APMAX vem se aperfeiçoando e sempre buscando novas ferramentas e produtos para que possa continuar sendo o diferencial para nossos clientes e parceiros.

Todas as empresas que tentam criar alguma concorrência, acaba que indiretamente fazendo com que a APMAX se torne ainda mais forte.

## **Produtos**

O produto em questão é o NTR-RI (Navegação em Tempo Real com Registro de Informação) está em sua etapa introdutória nesse momento, pois como é um produto/serviço novo, ainda está visando o seu "*market share*", pois acredita-se que o esse produto/serviço é muito promissor e buscando antecipar a necessidade e as expectativas dos agricultores com uma maior eficiência em rentabilidade e o mais importante, com menor impacto ambiental.

## **Estratégia do Produto**

A estratégia da APMAX como sendo uma empresa inovadora, buscou realizar algo que não existia, projetou, colocou em prática e chegamos a resultados fantásticos.

Sabe-se que o Potássio e Fósforo são gerados de fontes que se esgotarão, portanto o futuro com APMAX é um futuro promissor, pois com a nossa tecnologia o produtor se permite a utilizar menos fertilizantes e corretivos, aplicando somente o necessário onde há necessidade.

O mercado destinado a essa tecnologia é principalmente aquele que lidera as exportações e equilibra a balança econômica do Brasil, a Agricultura.

Desta forma a empresa se sente orgulhosa em contribuir com o aumento de lucratividade do produtor e assim mantê-lo produzindo.

Se aplicarmos a Matriz BCG, podemos identificar na empresa, como produtos “estrelas”:

- Monitoramento de Cultivos usando imagens de Satélite;
- Mapas de Produção Agrícolas;
- Indicação de Pontos de Coletas direcionados;
- Recomendação de Aplicação Inteligente com equilíbrio de distribuição;
- Mapas Especializando a Recomendação Inteligente;
- Mapas de Aplicação em Taxa Variável;
- Navegação em Tempo Real Com Registro de Informação;

### **Pesquisa e Desenvolvimento**

A APMAX trabalha com geração de informação georeferenciada (geoinformação), sempre direcionado para a inovação, pesquisa e com a precisão que o agronegócio brasileiro e mundial exige e necessita. Com uma equipe capacitada, busca o melhor formato de desenvolver formas de tecnologia, rentabilidade e redução de custo, com baixo impacto ambiental. Ainda que não seja muito confortável implantar questões inovadoras em áreas agrícolas ou pecuárias no Brasil, pois, existem ainda muitas formas arcaicas de administração, literalmente dizendo, dificultando assim, qualquer questão inovadora mesmo que seja para aumentar o rendimento e a diminuição de custo. Sendo assim o grupo de PDI da APMAX, em constante estudo e pesquisa, sempre em busca de questões inovadoras procura desenvolver produtos e serviços de acordo com a necessidade do mercado agrícola. Cada “inovação” tem sua peculiaridade, não tem um padrão definido. Sua metodologia de apuração vai de acordo com as necessidades. Um bom exemplo foi quando se identificou a necessidade de executar Registro de Informação com Navegação em Tempo Real (NTR-RI), foi feita a pesquisa, desenvolvida a metodologia e adquirido os equipamentos, posteriormente, aconteceu a ida a campo para efetuar a apuração dos resultados, então não se tem uma metodologia padrão para os produtos que estão sendo desenvolvidos pela empresa.

### **Projeções**

A APMAX utiliza da seguinte fórmula, pensar grande, mas agir em pequenas regiões. Pois tem capacidade de triplicar a área de trabalho.

## **Marketing e Vendas**

A APMAX nos últimos 02 anos expõe seus produtos e serviços na “EXPOSUL – Exposição Agropecuária do Sul de Mato Grosso – Rondonópolis”. Cada ano com inovações tecnológicas buscando altas produtividades com eficiência e rentabilidade com redução de custos e menos impactos ambientais. O produto é apresentado de uma forma direta para cada cliente.

A política de cobrança por cada trabalho que efetuado é de acordo com necessidade de cada cliente. Pois se o cliente adquirir o programa de Agricultura de Precisão o produto NTR-RI tem um preço, e se o cliente optar em comprar parte do programa o produto NTR-RI tem outro preço. Facilitando assim a negociação com cada cliente.

A divulgação é feita em jornais quanto em rádio, pois a empresa entende que dessa forma, o seu produto ou o nome da Empresa é sempre lembrado.

## **CONSIDERAÇÕES**

Esse artigo buscou mostrar a importância do planejamento para obter bons resultados com o lançamento de um produto. A empresa tinha a ideia e equipamentos, mas estava faltando a sua descrição em modo geral e análise de mercado. Por isso, entendemos que o planejamento foi essencial para compreender o mecanismo em modo geral. Pois as ferramentas de agricultura de precisão podem auxiliar o produtor rural a visualizar mais detalhadamente cada talhão de sua propriedade, permitindo assim aumentar a eficiência do sistema de produção através do manejo e do uso racional dos fertilizantes e insumos, diminuindo custos, aumento da produtividade, e por fim maior lucratividade da propriedade. Com o produto/serviço a empresa buscou envolver várias questões, principalmente a busca pelo não desperdício e na sustentabilidade da propriedade, visto que os recursos financeiros estão cada vez mais escassos, e a adoção de tecnologias mais modernas não é limitada. O objetivo foi a distribuição dos insumos na dose certa e no lugar necessário, proporcionando maior rentabilidade com alterações dos custos de produtividade e maior homogeneização da área e na diminuição de impactos ambientais com tecnologia de ponta, pois estamos trabalhando junto com empresas que visam a solubilização de Fósforo fixada do solo, permitindo assim uma menor adubação e assim agredindo menos o meio ambiente, utilizando a localização de

amostra de solo direcionada e juntamente com NTR-RI para uma coleta segura ano após ano. A agricultura de precisão tende a criar uma situação virtuosa, pois a redução no uso de agrotóxicos e insumos provoca uma conservação melhor da terra cultivada e limita a degradação do meio ambiente. Assim quando mais áreas com estas técnicas, menos degradação ambiental e mais produtividade nestas terras.

Ressalta-se ainda que a empresa sempre buscou o equilíbrio de cada parte (talhão) da propriedade pois os elementos equilibrados entre si, se tornam disponíveis um pelo outro, pois não adianta termos elementos em excesso ou elementos faltando no solo. Exemplos: Mg baixo causa inibição de P, Mg em excesso causa inibição de K, P em excesso causa inibição de Zn, K em excesso causa inibição de Cu e B. A lei do mínimo (barril) tem que ser colocada em prática, para alcançarmos sucesso.

Outro aspecto importante, é que a análise das vantagens e desvantagens não pode ser feita considerando-se apenas um produto ou serviço, mas sim o sistema como todo. Nesse enfoque, um problema qualquer não pode ser visto e atacado de forma isolada, e sim, entendido em sua relação com as demais condições da propriedade, pois com o levantamento do mapeamento da produção, aliado com as amostragens de solos georefenciadas e aplicação a taxa variada dos corretivos, forma-se então uma aproximação mais real do que a planta necessita.

## REFERÊNCIAS

FIKSEL, J. **Ingeniería de diseño medioambiental. DEF: desarrollo integral de productos y procesos ecoeficientes**. Madrid: McGrawHill, 1997.

FONSECA, V. **Manual de Observação Psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 72. 1995a.

GENTIL, L.V.; FERREIRA, S.M. **Agricultura de precisão: Prepare-se para o futuro, mas com os pés no chão**. Revista A Granja, Porto Alegre, n 610, 1999. p12-17.

GONÇALVES, Carlos Alberto (org). **Análise de um Alinhamento Estratégico a Partir da Combinação das FOFAS com os FCS**. Revista de Administração FACES Journal, Belo Horizonte, vl, pag. 67-96, Jul-Dez de 2002.

**Instituto de Pesquisas PHD**, 2011. <http://www.institutophd.com.br/blog/o-que-e-market-share-e-como-esta-informacao-pode-ajudar-a-sua-empresa/> acessado dia 06 de novembro de 2013.

MEDEIROS, A. **Análise SWOT: a simplicidade como eficiência.** UFRN, XVI Seminário de Pesquisa do CCSA , 2010.  
Disponível em: <http://www.ccsa.ufrn.br/seminario2010/anais/artigos/gt8-07.pdf>

MINTZBERG, Henry; AHLSTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph ; **Safári de Estratégia: Um Roteiro Pela Selva do Planejamento Estratégico.** Porto Alegre: Bookman, 2000.

ROZA, D. Novidade no campo: **Geotecnologias renovam a agricultura.** Revista InfoGEO, n 11 - jan/fev, 2000. Disponível na Internet.  
[http://www.infogeo.com.br/Revista/materia\\_11.htm](http://www.infogeo.com.br/Revista/materia_11.htm) em 21 Mai. 2000.

SEARCY, S.W. **Precision farming: A new approach to crop management.** Texas Agricultural Extension Service. The Texas A&M University System, 1997. p.4.  
Disponível na Internet. <http://agpublications.tamu.edu/pubs/eengine/I5177.pdf> em 22 Mar. 2000.

## **IPTV UMA INOVAÇÃO PARA O VALE DO SÃO LOURENÇO**

Renato Arnaut Amadio<sup>1</sup>  
Antuterpio Dias Pereira<sup>2</sup>  
Ideylson da Silva Vieira Dos Anjos<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A região do Vale do São Lourenço já está inserida na era digital, ela se caracteriza pela economia sustentada na agropecuária, mesmo assim existem algumas empresas onde seus segmentos são diversificados e possui uma grande quantidade de usuários de internet. Hoje com o mundo globalizado e a comunicação entre todos os pontos do Brasil e do mundo em tempo real, se torna quase impossível alguém não estar conectado a grande teia chamada internet. Essa rede que chama de internet ou seja, a grande rede de computadores tem crescido a cada dia, tornando a vida de seus usuários mais cômoda e ágil. Com a utilização da internet seus usuários nem precisam sair de suas casas para efetuar suas compras, bate-papos entre outros serviços e nem mesmo para suas transações bancárias. Sua segurança ainda é discutível, pois mesmo usando todos os meios para garantirmos o básico de segurança ao navegar por ela ainda somos frágil para aqueles que dominam essa tecnologia. Com esse crescimento progressivo sem enxergarmos seu fim, ela ainda nos traz mais uma novidade, já que todos estão conectados a ela, porque não oferecer mais um serviço, a Televisão via IPTV.

**Palavras-chave:** Internet, IPTV.

### **INTRODUÇÃO**

Atualmente vivemos diariamente conectados à internet, com seu grande crescimento e gradativamente o da população também, os gestores de tecnologias e as grandes empresas vem a cada dia oferecendo serviços pela internet para que os usuários tenham mais comodidade em tudo que sentem necessidade de adquirir ou fazer, não podemos deixar de esquecer que não temos segurança de estarmos nos locomovendo de um lugar para outro, corremos riscos indesejáveis, como de ser assaltado, um acidente dentre outros.

A internet veio para inovar e agilizar as atividades das pessoas e das empresas, sempre oferecendo serviços para aqueles que dela desfruta. Não

---

<sup>1</sup> Especialista em Redes e Teleprocessamento pela UNIC e Bacharel em Ciências da Computação pela UNIPAR. Atualmente professor do Curso de Sistemas de Informação das Faculdades de Ciências Sociais do Vale do São Lourenço - EDUVALE

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – MS, Professor do Estado de Mato Grosso e Presidente do Movimento Negro de Rondonópolis.

<sup>3</sup> Filósofo, mestre em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço.

podemos deixar de dar ênfase que ela para o mundo empresarial e para aqueles, que possui uma visão de empreendedorismo é um grande negócio, pois podemos ir além de nossos limites locais, chegando a atingir o globo terrestre que está conectado a ela.

Seus serviços básicos são: navegação em sites, e-mail, transferência de arquivos (FTP), VOIP (voz sobre IP) telefonia através da internet, bate-papos, vídeo conferência, aulas on-line, monitoria de câmeras de vigilância em tempo real, telefones celulares conectados a ela, serviços bancários, dentro muitos outros.

O mercado vem fomentando a cada dia mais um serviço de excelência para aqueles que dela utilizam, o famoso IPTV, que é oferecer aos usuários conteúdos de Televisivo, assistir televisão através da rede IPTV. Dentro desse assunto vamos esclarecer o que é esse serviço realmente e tirar nossas conclusões se dentro do Vale do São Lourenço pode ser atendido por essa Tecnologia.

## **1. SURGIMENTO DAS REDES DE COMPUTADORES E A INTERNET**

Surgiu em 1960 com a rede telefônica de comunicação, já que a voz é transmitida a uma taxa constante entre a origem e destino. Como os computadores eram muito caros e havia uma necessidade para multiprogramação, surgiu à interligação dos computadores para que pudessem ser compartilhados entre usuários distribuídos em localização geograficamente diferentes(KUROSE,2011).

A ARPANET teve início em 1972 e era uma rede isolada, fechada para fins militares. O trabalho pioneiro para o desenvolvimento das redes foi patrocinada pela ARPA(Defense Advanced Research Projects Agency).(KUROSE,2011).

Na década de 1980 à 1990 era mais utilizada para fins universitários do que militares, e a partir da década de 1990 houve a expansão, a Internet sendo utilizada para fins comerciais.(KUROSE,2011).

### **2.1 Internet**

Segundo Kurose (2011,p.2) é em termos de uma infraestrutura de redes que fornece serviços para aplicações distribuídas.

A internet é uma rede de computadores que interconecta milhares de dispositivos computacionais ao redor do mundo.(KUROSE,2011,p.2).

Com a evolução da internet mais sistemas finais modernos já utilizam-na, como TVs, Laptops, consoles para jogos, telefones celulares, webcams, automóveis,

dispositivos de sensoriamento ambiental, quadro de imagens e sistemas internos elétricos e de segurança estão conectados à rede. (KUROSE, 2011)

Os sistemas finais acessam a internet por meio dos ISP (Internet Service Providers), no qual oferecem serviços de TV a cabo, telefonia, dentre outros.

## **2. IP (Protocolo de Internet)**

Esse protocolo é responsável pelo endereçamento do pacote na rede de computadores. (SOUZA, 2011, p.124).

Segundo Souza (2011), ele é responsável pela colocação do endereço IP no pacote que será transmitido e também pelo encaminhamento dele ao longo da rede até atingir seu destino. Protocolo é usar a mesma linguagem entre duas extremidades para que não haja problemas de entendimento, como a fala de duas pessoas que fala a mesma língua, isso também acontece com os hardware com os sistemas onde eles devem estar utilizando o mesmo protocolo de conversação para que haja comunicação.

É preciso que duas (ou mais) entidades comunicantes executem o mesmo protocolo para que uma tarefa seja realizada. (KUROSE, 2011, p.6).

## **3 REDES MULTIMÍDIAS**

Podemos classificar redes multimídias como fluxo de áudio / vídeo armazenado, fluxo de áudio/vídeo ao vivo e áudio/vídeos interativo de tempo real . (KUROSE, 2011).

### **3.1 Fluxo de áudio / vídeo armazenado**

Os usuários de internet requisitam, sob demanda, os arquivos de áudio e vídeo comprimidos que ficam armazenados em servidores. Muitas páginas e vídeos ficam disponíveis aos usuários a hora que ele desejar acessar, como exemplo clássico o site da Youtube. Mas dentro desse tópico devemos destacar três características fundamentais:

**3.1.1 Mídia Armazenada** – O conteúdo foi gravado e está armazenado em um servidor. Ficando disponível para o usuário, onde ele poderá assistir, fazer pausa, voltar ou escolher itens no índice de conteúdo. (KUROSE, 2011).

**3.1.2 Fluxo Contínuo** - Nessa modalidade o usuário inicia a reprodução alguns segundos após começa a receber o arquivo do servidor. Significa que o usuário estará reproduzindo uma parte do arquivo, ao mesmo tempo, que está recebendo. Evitando assim ter de descarregar o arquivo inteiro. (KUROSE, 2011).

**3.1.3 Reprodução Contínua** – Assim que inicia a reprodução do conteúdo da multimídia, ela deve prosseguir de acordo com a temporização original da gravação. Os dados são solicitados ao servidor a tempo de ser reproduzido ao usuário, correndo o risco de atrasos de buffer. O exemplo clássico é vídeo conferência se tiver algum problema de transmissão pode acontecer retardos na imagem ou voz. (KUROSE, 2011).

### **3.2 Fluxo de áudio/vídeo ao vivo**

Uma transmissão que se assemelha com de rádio e televisão, mais a transmissão é feita pela internet. Permitindo que o usuário receba transmissão de rádio e televisão ao vivo. Esse tipo de transmissão é reconhecido como um rádio da Internet e IPTV. Nessa modalidade de transmissão não é armazenado o conteúdo tudo é transmitido ao vivo. Utilizando as técnicas de multicast e unicast. (KUROSE, 2011).

### **3.3 Áudio/vídeos interativo de tempo real**

A utilização de áudio e vídeo em tempo real, utilizando aplicações para se comunicar em tempo real. Um dos aplicativos mais utilizados para esse fim é o Skype. (KUROSE, 2011).

## **4 IPTV**

Os Conteúdos de Televisivo é distribuídos por micro-ondas, podem ser por meio terrestres ou satélites. Se for terrestre, via fibra hídrica, coaxial. (HFC) ou se for por satélites geoestacionários. (KUROSE, 2011).

Imagine assistir televisão pela internet? Os olhares das grandes empresas estão sobre o IPTV, onde sua principal função é atender milhares de usuários que utilizam a internet, sem sombra de dúvida obter lucros através dessa tecnologia. (KUROSE, 2011).

O streaming de mídia ao vivo é usado em chamadas on-line pelas principais estações de televisão. Isso é chamado IPTV (IP Tele Vison). Também é usado na transmissão radiofônica de broadcast. Isso é chamado rádio via Internet. (TANENBAUM, 2011, pag. 453).

Toda a inovação tecnológica tem suas limitações, imagine em um evento esportivo onde existem 100 milhões de usuários simultaneamente assistindo, se a velocidade do vídeo fosse de 1 Mbps, então a banda de um servidor que estaria transmitindo teria que ser de 100 terabits/seg. Nessa linha de raciocínio logo seria inviável a distribuição servidor-cliente. Para que houvesse uma implementação mais viável seria a implementação de um multicast IP através da Internet seria mais fácil o IPTV ter resultado, outra forma seria uma distribuição par-a-par, cada par recebe um canal de televisão. Mais ainda temos que acompanhar a evolução dessa tecnologia pois somos limitados às nossas próprias conexões.

## 5 CONCLUSÃO

Vivemos numa era onde as tecnologias estão se renovando todos os dias, o cenário de competitividade sempre aumentando, as empresas possuidoras de marcas de grande público sempre se inovando para garantir a fidelidade de seus usuários.

Com todas as tecnologias disponíveis para os usuários de internet, ainda ficamos limitados a largura de banda disponível para cada usuário se conectar a ela, pois dependemos da qualidade de serviços dos Provedores de Internet que ainda não disponibilizam para a grande massa de seus usuários, somente para aqueles que possuem um plano diferenciado em sua estrutura, como canais dedicados dentre outras tecnologias de pontas.

Diante desse cenário devemos aguardar a popularização do IPTV, para que possamos usufruir dela, pois a grande rede de computadores necessita de uma largura de banda bem maior do que hoje ela utiliza, para que no futuro próximo as novas implementações venham dominar totalmente a internet, oferecendo assim um IPTV com maior qualidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KUROSE, James F. **Redes de Computadores e a Internet**. Quinta Edição. Pearson. 2010.

SOUZA, Lindeberg Barros. **Projetos e Implementação de Redes**. Segunda Edição. São Paulo: Editora Érica, 2011.

TANENBAUM, Andrew S. **Redes de computadores**, tradução Daniel Vieira; São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

## COMÉRCIO ELETRÔNICO<sup>1</sup>

Danilo Oliveira Gomes<sup>2</sup>

Maico Luis Rheinheimer<sup>3</sup>

Renato Arnaut Amadio<sup>4</sup>

Julio César Gavilan<sup>5</sup>

Eugênio Guimarães de Souza<sup>6</sup>

### RESUMO

O mundo dos negócios tem passado por várias transformações e mudanças, por meio do desenvolvimento tecnológico e pela transmissão de informações, ao longo dos anos devido ao surgimento da internet, várias possibilidades de comunicação surgiram: a escrita foi deixada de lado e substituída por e-mail, agora conseguimos nos comunicar por meio de vídeo conferencia onde transmitimos voz e imagem. Diante dessas inovações e mudanças no cenário comercial, o comércio eletrônico vem trazendo inovações nos processos que envolvem os negócios abrangendo vários setores da economia. Sendo de grande potencial podendo atingir milhares de empresas e consumidores, e este já é uma realidade na maneira de realizar negócios utilizando-se da tecnologia, onde os usuários podem acessar sites de vendas especializados onde podem navegar por sua vitrine virtual e assim observar as especificações e detalhes como imagens e vídeos sobre o produto, para que assim possa agradar cada vez mais os clientes com comodidades nas compras, pois o cliente efetua as compras no site escolhido e a mercadoria chega à sua casa através dos correios ou transportadora da própria empresa, assim o cliente não precisa se preocupar em retirar o produto ou se deslocar até a loja para efetuar o pagamento, com o comércio eletrônico toda operação de compra e pagamento é possível realizar online. As empresas devem sempre estar atentas aos prazos e a qualidade na entrega dos produtos, pois estes cuidados acabam convertendo em satisfação para os clientes gerando uma possível fidelização deste cliente que pode vir a comprar outras vezes no mesmo site.

**Palavras chave:** Comércio Eletrônico, Negócios, Tecnologia.

### ABSTRACT

The business world has gone through several transformations and changes, through technological development and transmission of information over the years due to the emergence of the Internet, various communication possibilities have emerged: the writing was dropped and replaced by e- mail now able to communicate via video conference which transmit voice and image. Faced with these innovations and changes in the business landscape, e-commerce has brought innovations in processes involving business spanning multiple industries. Great potential of being able to reach thousands of businesses and consumers, and this is already a reality in

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de uma monografia de TCC defendida na Faculdade EDUVALE no ano de 2015

<sup>2</sup> Aluno do 8º Semestre do Curso de Sistemas de Informação da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço - EDUVALE

<sup>3</sup> Professor Especialista da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – EDUVALE.

<sup>4</sup> Professor Especialista da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – EDUVALE.

<sup>5</sup> Professor Mestre da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – EDUVALE.

<sup>6</sup> Professor Especialista da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – EDUVALE.

the way of doing business using technology, where users can access specialized sales sites where they can browse your storefront and so according to specification and details such as images and videos about the product, so it can appeal more and more customers with facilities in purchases as the customer makes purchases on the site chosen and the merchandise arrives at your home by post or carrier's own company, so the client does not have to worry about removing the product or move to the store to make payment with ecommerce every purchase and payment transaction can be performed online. Companies should always be aware of the deadlines and quality in the delivery of products because they care end up turning into satisfaction for customers generating a possible loyalty of this customer can come to buy other times on the same site.

**Keywords:** Electronic Commerce, Business, Technology.

## INTRODUÇÃO

O Comércio Eletrônico se iniciou com o desenvolvimento das tecnologias na Internet, tendo como objetivo complementar o processo de vendas, assim auxiliando na expansão da economia, assim vem sendo o meio que tem permitido diminuir limites geográficos.

A definição de comércio eletrônico não é expressa somente através da conexão de computadores na internet, mas sim por anúncios que são feitos na televisão e também em sites, com o uso de celulares modernos na atualidade temos a inserção do comércio eletrônico por meio de aplicativos e possibilidade de compras e transações financeiras através do aparelho móvel.

A tendência é que o comércio eletrônico cresça mais a cada dia, pois a internet está em constante evolução e dificilmente sua evolução e crescimento vai parar algum dia. Hoje boa parte do comércio físico presente nas mais variadas áreas está migrando para a internet, o que vem provocando mudanças grandes na sociedade que tem contribuído e traz consigo várias facilidades por meio das soluções tecnológicas, vivemos em uma era repleta de informação, um verdadeiro mundo digital onde as facilidades fazem parte da vida de boa parte das pessoas. Onde podemos perceber essa evolução pelo fato de que deixamos de escrever cartas e utilizar dinheiro para pagamentos, isto foi substituído por serviços e e-mail e cartões de débito e crédito.

Para esclarecer o entendimento sobre requisitos não funcionais devemos compreender primeiramente o que são requisitos funcionais de um sistema, que

nada mais é do que a função que o sistema ou componente deve ser capaz de realizar. Sendo estes requisitos funcionais que vão definir o comportamento do sistema, onde esses requisitos selecionam as funcionalidades do sistema sob o ponto de vista do usuário. Assim os requisitos não-funcionais de um software não descrevem o que o sistema fará, mas sim como ele fará. Desta forma temos requisitos de desempenho, requisitos da interface externa do sistema e atributos de qualidade. A análise dos requisitos não-funcionais é feita, em sua maior parte, através de testes.

## **HISTÓRICO DA EMPRESA RICARDO ELETRO**

De acordo com NUNES (1989), quando empresa Ricardo Eletro deu início a suas atividades no ano de 1989, no interior de Minas Gerais, o seu presidente e fundador, Ricardo Nunes, já visualizava o caminho a ser percorrido pela rede: estratégia comercial com foco em preço para o consumidor e ganho de vendas em escala. A rede começou ganhando a clientela de concorrentes vizinhos e hoje a disputa é de igual para igual com os maiores players do mercado. A primeira ampliação da Ricardo Eletro fora de Minas Gerais ocorreu em 2002, para o Espírito Santo, onde a empresa é reconhecida como a marca mais lembrada pelos consumidores. Líder de vendas em Minas Gerais, a rede também mantém fortes investimentos no Nordeste, atuando nos estados da Bahia, Sergipe e Alagoas. Mais recentemente, inaugurou sua primeira unidade em Pernambuco.

## **HISTÓRICO DA EMPRESA AMERICANAS**

Segundo AMERICANAS.COM (1999), faturamos nosso primeiro pedido em novembro de 1999, dando início a nossa missão: ser o destino preferido de compras online no Brasil. Desde nossa criação adotamos uma estratégia inovadora e desenvolvemos nosso próprio sistema de logística, com uma plataforma operacional exclusiva e escalável para entregar pedidos em 48 horas em todo o Brasil. Dois anos depois de nossa fundação nos tornamos líder em vendas e rentabilidade no setor de varejo eletrônico no Brasil. Enquanto a base de clientes e a oferta de produtos e

serviços vêm crescendo substancialmente nos últimos anos, o compromisso da nossa marca se mantém o mesmo: a satisfação de nossos consumidores.

## **HISTÓRICO DA INTERNET**

Para Leão (2001), em meados de 1965, foi lançado o projeto de elite da Defense Advanced Research Projects Agency (Agência de projetos de pesquisa avançada de defesa) (Darpa), o Advanced Research Projects Agency (Agência de projetos de pesquisa avançada) (ARPAnet), onde foram recrutados e selecionados cientistas de variadas áreas. Este projeto foi desenvolvido e pago pelo governo americano, durante os acontecimentos da guerra fria, com sua base estabelecida no pentágono seu objetivo era interligar bases militares e departamentos de pesquisa do governo americano de uma forma segura.

Segundo Leão (2001), no ano de 1991, surgiu a WWW (World Wide Web), a partir da fusão de estudos sobre Internet e hipermídia. Modo que reúne recursos de hipertexto com multimídia, desta forma fornece ao usuário a possibilidade de navegar por diversas partes de um aplicativo, na ordem que mais lhe convém.

Para Gosciola (2003), conforme a utilização da internet foi sendo liberada ao público, esta foi crescendo rapidamente. No ano de 1990, poucas pessoas utilizavam a Internet. Em 1999, 38% das casas norte-americanas estavam conectadas.

De acordo com Vieira (2014), a World Wide Web, mais conhecida como rede mundial de computadores, trouxe uma grande transformação na comunicação mundial e a maneira como as pessoas se comunicam, ou seja, através da escrita, oralmente e também com imagens e voz, sendo isso permitido com a conexão de computadores com a rede.

Segundo Gribble (2013), a World Wide Web ou WWW foi finalizada no termino do ano de 1989, no CERN (Centro Europeu de Pesquisa Nuclear), e foi iniciada sua utilização em 1991. Entretanto, apenas em maio de 1991 a WWW foi completamente inserida na rede. Em agosto de 1991, sua utilização estava então disponível pela primeira vez ao público.

## **HISTÓRICO DA INTERNET**

Para Leão (2001), em meados de 1965, foi lançado o projeto de elite da Defense Advanced Research Projects Agency (Agência de projetos de pesquisa avançada de defesa) (Darpa), o Advanced Research Projects Agency (Agência de projetos de pesquisa avançada) (ARPAnet), onde foram recrutados e selecionados cientistas de variadas áreas. Este projeto foi desenvolvido e pago pelo governo americano, durante os acontecimentos da guerra fria, com sua base estabelecida no pentágono seu objetivo era interligar bases militares e departamentos de pesquisa do governo americano de uma forma segura.

Segundo Leão (2001), no ano de 1991, surgiu a WWW (World Wide Web), a partir da fusão de estudos sobre Internet e hipermídia. Modo que reúne recursos de hipertexto com multimídia, desta forma fornece ao usuário a possibilidade de navegar por diversas partes de um aplicativo, na ordem que mais lhe convém.

Para Gosciola (2003), conforme a utilização da internet foi sendo liberada ao público, esta foi crescendo rapidamente. No ano de 1990, poucas pessoas utilizavam a Internet. Em 1999, 38% das casas norte-americanas estavam conectadas.

De acordo com Vieira (2014), a World Wide Web, mais conhecida como rede mundial de computadores, trouxe uma grande transformação na comunicação mundial e a maneira como as pessoas se comunicam, ou seja, através da escrita, oralmente e também com imagens e voz, sendo isso permitido com a conexão de computadores com a rede.

Segundo Gribble (2013), a World Wide Web ou WWW foi finalizada no termino do ano de 1989, no CERN (Centro Europeu de Pesquisa Nuclear), e foi iniciada sua utilização em 1991. Entretanto, apenas em maio de 1991 a WWW foi completamente inserida na rede. Em agosto de 1991, sua utilização estava então disponível pela primeira vez ao público.

## **O INÍCIO DO COMÉRCIO ELETRÔNICO**

Segundo Martins (2015), as vendas por meio do e-commerce começaram a aumentar nos Estados Unidos por volta de 1995, com o surgimento da Amazon.com e outras empresas. Cinco anos depois no Brasil o e-commerce começou a ser levado a sério e diversas lojas virtuais começaram a aparecer no mundo da Internet.

Para Laudon (2010, p. 285, 286):

“O comércio eletrônico começou em 1995, quando um dos primeiros portais da Internet, o Netscape.com, aceitou anúncios de grandes corporações e popularizou a ideia de que a Web poderia ser usada como uma nova mídia para publicidade e vendas.

Também em Felipini (2011), Com o início do comércio eletrônico e conforme foi se desenvolvendo se tem a ideia de como foram introduzidas às tecnologias que facilitavam as transações comerciais eletrônicas, e também com o crescimento e a aprovação dos cartões de crédito, caixas eletrônicos que também eram formas de comércio eletrônico. No Brasil o comércio eletrônico surgiu um ano após a popularização da internet comercial, com o crescimento dos compradores online sempre ligado ao aumento da velocidade de conexão, pois com uma maior velocidade a experiência de navegação se torna algo mais agravável.

## **TRANSFORMAÇÕES DO NEGÓCIO**

Para Albertin (2012), a evolução do CE (Comércio Eletrônico) apresenta quatro grandes estágios necessários para a formação do novo ambiente de negócios como um todo, sendo este constituído por quatro componentes: fornecimento de informação, realização de transação, distribuição de produtos e serviços e utilização de comunicação interativa.

Segundo Felipini (2011), em comparação aos comércios físicos o comércio eletrônico tem se expandido e vem aumentando seu faturamento cada vez mais no Brasil, de acordo com a (ABComm) Associação Brasileira de Comércio Eletrônico, o setor teria faturado em 2014 cerca de R\$ 39,5 bilhões, com um crescimento de 27% em relação ao ano anterior.

## **CATEGORIAS DO COMÉRCIO ELETRÔNICO**

Para Laudon (2010), B2C: venda de produtos e serviços no varejo diretamente a compradores individuais. B2B: venda de bens e serviços entre empresas. C2C: venda eletrônica de bens e serviços por consumidores diretamente a outros consumidores.

De acordo com Coelho (2012), B2B são as transações de comércio entre empresas. B2C É o comércio entre a empresa e o consumidor. C2C Este é o comércio entre consumidores. B2G São as transações entre empresa e governo.

## **MARKETING DO COMÉRCIO ELETRÔNICO**

Para Albertin (1998), organizações fazem uso da web para disponibilizar informações a seus clientes. O que vem a se tornar uma ferramenta de marketing, um canal de vendas e um meio de suporte aos clientes. Alguns bancos também utilizam a internet para realizar transações de troca de dados financeiros.

Para Laudon (2010, p. 302):

Embora a internet e o comércio eletrônico tenham modificado setores inteiros e criado novos modelos de negócios, nenhum setor foi mais afetado do que o marketing e suas comunicações. A internet oferece aos comerciantes novas formas de identificação de milhares de clientes potenciais e novas maneiras de comunicação a um custo bem inferior ao da mídia tradicional e que incluem marketing de máquinas de busca, mineração de dados, sistemas de recomendação e e-mails direcionados.

O marketing tem que estar presente na prática do comércio eletrônico, tanto para desempenho quanto para marcas, sendo uma excelente estratégia para aumentar a audiência e melhorar a visibilidade da loja na internet, despertar o interesse e trazer novos clientes, possibilitando a captura de dados relevantes de cada cliente, o que possibilita oferecimento de vantagens específicas a cada cliente (FELIPINI, 2011).

## **MÍDIA SOCIAL**

Segundo Terra (2011), mídia social pode ser definida como toda tecnologia utilizada na web a fim de compartilhar ideias, opiniões e experiências. Entre as ferramentas consideradas mídias sociais estão as imagens, textos, áudios, vídeo em blogs entre outros em que a interação com o usuário é possível. Diante de interesses afins existe a formação de redes sociais estruturadas de usuários, onde a ação coletiva de seus membros é percebida facilmente em ferramentas como Facebook, Twitter, Blogs entre outros.

De acordo com Rosa, G. R.; Kamimura, Q. P. (2012), se tratando da aplicação das redes sociais no ramo empresarial, sua principal função está em promover imagens de produtos ou serviços das empresas através de campanhas de marketing onde o produto ou serviço é lançado nas redes com o objetivo de atrair clientes por meio de descontos, brindes, ou novos produtos.

## **SEO**

Para OLIVEIRA, A. M. et al. (2011), as técnicas e estratégias que podem ser aplicadas a um website para melhorar seu posicionamento nos mais diversos mecanismos de busca da internet é o que define SEO, ou seja, otimização de websites para mecanismos de busca, assim as estratégias de SEO permitem que um site otimizado apareça entre os primeiros resultados de uma pesquisa.

Para Warken (2013, p. 19): O objetivo principal da SEO é angariar novos visitantes já que, com mais visitas, aumentam as chances de conversão. Logo, com um bom trabalho de SEO, é possível aumentar as vendas, o número de visualizações da página ou de assinantes.

## **POR QUE O COMÉRCIO ELETRÔNICO É DIFERENTE?**

Para Laudon (2010), a resposta está presente na forma única e distinta da internet e da web. Simplificando, as tecnologias que fazem parte da internet e do comércio eletrônico são muito mais propensas a mudanças e poderosas que as revoluções tecnológicas anteriores, como o rádio, a televisão e o telefone.

Para Laudon (2010, p. 288):

- Ubiquidade: O comércio eletrônico é ubíquo, que significa que está disponível simplesmente em todos os lugares, a todo o momento.
- Alcance global: A tecnologia do comércio eletrônico permite transações comerciais que atravessam fronteiras culturais e nacionais de maneira mais conveniente.
- Padrões universais: Todos os padrões técnicos da Internet e, portanto, aqueles que conduzem o comércio eletrônico, são universais.
- Riqueza: Refere-se à complexidade e ao conteúdo de uma mensagem. A Web permite a distribuição de mensagens ricas com texto, áudio e vídeo simultaneamente para um grande número de pessoas.
- Interatividade: A tecnologia funciona pela interação com o usuário.
- Densidade de informação: A densidade de informação torna nos mercados de e-commerce torna os preços e custos mais transparentes.

- Personalização/customização: A personalização de mensagens de marketing e a customização de produtos e serviços baseiam-se em características individuais.
- Tecnologia social: Geração de conteúdos criados por usuários e redes sociais.

## **LOJAS VIRTUAIS**

Conforme Felipini (2011), lojas virtuais são as vitrines onde os vendedores expõem seus produtos na internet, elas se parecem com as lojas físicas, mas o diferencial é que o cliente não precisa se deslocar até a loja para fazer uma compra, basta acessar o site em sua casa ou dispositivo móvel e efetuar a compra do produto desejado e aguardar a entrega em sua casa.

Segundo Laudon (2010), as lojas virtuais de varejo online, variam em tamanho e podem ser gigantes como a Amazon, ou pequenas lojas locais. São semelhantes às lojas físicas, exceto pelo fato de que os clientes precisam somente se conectar a Internet para consultar o estoque e fazer um pedido.

## **PAGAMENTO E SEGURANÇA NO COMÉRCIO ELETRÔNICO**

Para O' Brien (2006), o pagamento para os produtos e serviços adquiridos é um conjunto de processos óbvios e vitais nas transações de e-commerce. Os processos de pagamento do e-commerce também são complexos por causa da ampla variedade de alternativas de débito e de crédito e de intermediários e instituições financeiras.

Para Albertin (1999, p. 53):

As transações eletrônicas de negócio somente podem ter sucesso, se as trocas financeiras entre compradores e vendedores puderem acontecer em ambiente simples, universalmente aceito, seguro e barato. Os tipos de sistemas eletrônicos de pagamento são: dinheiro eletrônico (e-cash); cheque eletrônico (e-check); cartões inteligentes (smart cards); cartões de crédito; e cartões de débito.

Para Albertin (2012), os pagamentos eletrônicos são parte fundamental de todo o processo que constitui o comércio eletrônico, com uma variedade de maneiras de se realizarem o pagamento, como por exemplo, por meio de cartão de

crédito, débito. Somente após o pagamento das mercadorias que é liberado a entrega do produto para o cliente.

De acordo com Maciel (2012), em exemplo temos o PagSeguro, que é uma solução para pagamentos da empresa UOL, que facilita negociações entre compradores e vendedores, quem utiliza esse serviço não precisa se preocupar em fornecer números e senhas, apenas precisa decidir qual forma de pagamento mais lhe convém: boleto, cartão de crédito, transferência bancária e quem vende fica longe da burocracia pois não precisar acertar convenio com nenhuma instituição financeira, pelo fato que o PagSeguro concentra as maiores instituições financeiras em um único sistema. Assim como o PagSeguro existem várias outras soluções intermediadoras de pagamento como: Bcash e MercadoPago.

## **SEGURANÇA**

De acordo com Albertin (1998), elementos complexos de segurança, privacidade, autenticação e anonimato têm grande importância para o comércio eletrônico. Confidencialidade, confiabilidade e proteção das informações contra ameaças de segurança são um pré-requisito primordial para a funcionalidade do comércio eletrônico.

De acordo com Turban (2004), a segurança é um item fundamental no comércio eletrônico, pois é preciso proteger as informações fornecidas por clientes e dados de transações bancárias e pagamentos online. Existem vários métodos e ferramentas que fazem a segurança do comércio eletrônico como, por exemplo, validação do código de segurança de cartões de crédito, rastreamento do dispositivo de compra e também criptografia de dados.

Segundo Henrique (2013), a atenção que deve ser prestada aos aspectos de segurança precisa estar presente desde o desenvolvimento da plataforma de seu comércio eletrônico, até mesmo na escolha de um bom facilitador de pagamentos online.

Segundo Fontes (2011), em exemplo temos SSL que é um certificado que define o site como um ambiente seguro, criptografando senhas e dados inseridos, ou seja, trancando essas informações e apenas o servidor do site pode abri-las. Temos também a blindagem de site onde são tomadas medidas de segurança contra: invasão de sites, roubo de senhas, inserção de vírus e acessar informações do site.

## **EFICIÊNCIA LOGÍSTICA NO E-COMMERCE**

Segundo Emerick (2015), uma pesquisa realizada pela ABComm (Associação Brasileira de Comércio Eletrônico) mostrou que 81% das empresas de comércio eletrônico ainda utilizam os Correios como forma de transporte – 15% utilizam empresas privadas de transporte e apenas 4% utilizam meios próprios de entrega da mercadoria.

Para Carvalho (2002), a logística é parte essencial no comércio eletrônico, trata-se de planejar e executar eficientemente a movimentação, transporte e armazenamento das mercadorias.

De acordo com Mendes (2015), as entregas nas cidades, também sendo conhecida como logística urbana vem sendo uma solução que tem se ampliado ultimamente quando se fala em transporte de cargas.

Para Borim (2014), quando olhamos os resultados financeiros de um e-commerce, percebemos que o custo com frete é um dos maiores, podendo representar o segundo maior custo em algumas empresas, perdendo apenas para a compra de produtos.

Segundo Gil (2012), deixar de entregar um produto no prazo acordado ou entregar o produto errado ou avariado continua sendo os principais motivos para reclamações em redes sociais e sites de atendimento ao consumidor.

Para reduzir os custos com frete é preciso ter planejamento e análise do perfil de entrega das mercadorias, uma das soluções é identificar onde se localizam os clientes para assim fazer orçamentos com transportadoras que entreguem com agilidade nas regiões onde há as concentrações de pedidos (FELIPINI, 2011).

## **REQUISITOS FUNCIONAIS E NÃO FUNCIONAIS**

Segundo Magalhães, H. J.; Tamagi, W. D.; Brischke, M. (2011), os requisitos funcionais de um sistema descrevem suas funções e os serviços que ele deve oferecer na finalização do seu desenvolvimento, e qual deve ser o comportamento do sistema a determinadas entradas.

Para Cruz, R. R; Junior, S. D. N. (2013, p. 25): “Representam os comportamentos que um programa ou sistema deve apresentar diante de certas ações de seus usuários”. Para Tsui; Karam (2013, p. 02): “A maneira pela qual os requisitos funcionais precisam ser atendidos”.

Para Lins (2008, p. 13):

Um ponto importante no desenvolvimento de sistemas, no estado da arte atual da engenharia de software, é especificar não apenas o que o sistema deve fazer, mas também como ele deve fazer. No mundo orientado a serviços, esta questão se torna ainda mais crítica; provedores de serviço devem especificar, de alguma forma, como disponibilizam determinada funcionalidade.

De acordo com Chichinelli, M; Cazarini, E.W (2001), os requisitos não-funcionais mostram a qualidade fornecida pelo sistema, estes requisitos vão descrever como ele fará suas funções e pode ser usado para selecionar alternativas para o projeto do sistema. Para Tonsig (2008, p. 127, 128): “Os requisitos indiretos (ou não-funcionais) referem-se às qualidades globais de um software, como fácil manutenção que deve ser propiciada, a segurança, a facilidade de uso, o desempenho e o baixo custo”.

## CONCLUSÃO

Para que fosse possível demonstrar aos usuários resultados e dados relevantes de empresas que atuam no ramo de comércio eletrônico foi realizada uma pesquisa em dois sites que realizam vendas de mercadorias utilizando a plataforma digital e assim foram analisados seus requisitos não funcionais, dos quais foram estabelecidos em: navegabilidade, acessibilidade e interatividade. A fim de avaliar o quanto estes sites proporcionavam em termos de facilidade na utilização e navegação, inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência e a interação que estes fornecem para seus usuários.

Conclui-se que ambos os sites precisam de melhorias em acessibilidade em seus sites, para que a inclusão de pessoas com deficiência possa acontecer e consequentemente aumentar o lucro de ambas as empresas.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTIN, A. L. **Comércio eletrônico: seus aspectos de segurança e privacidade.** RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 38, n.2, Abr/Jun. 1998. <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v38n2/a06v38n2.pdf>>. Data de acesso: 01/04/2015.
- ALBERTIN, A. L. **Comércio eletrônico: da evolução para as novas oportunidades.** GVEXECUTIVO, São Paulo, v. 11, n.2, Jul/Dez. 2012. <<http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/gvexec1102066070.pdf>>. Data de acesso: 06/04/2015.
- ALBERTIN, A. L. **Comércio eletrônico: benefícios e aspectos de sua aplicação.** RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 38, n.1, Jan/Mar. 1998. <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v38n1/a06v38n1.pdf>>. Data de acesso: 20/04/2015.
- ALBERTIN, A. L. **Comércio eletrônico: um estudo no setor bancário.** Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 3, n.1, Jan/Apr. 1999. <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v3n1/v3n1a04.pdf>>. Data de acesso: 22/04/2015.
- ALBERTIN, A. 1. **Comércio eletrônico: modelo, aspectos e contribuições de sua aplicação.** 6. Ed, São Paulo: Atlas, 2012.
- AMERICANAS.COM. **Onde começamos.** Disponível em: <<http://www.americanas.com.br/estatica/sobre-americanas>> Acesso em: 27 de outubro de 2015.
- BORIM, Arnaldo. **A importância do frete no e-commerce.** E-commerce Brasil - 2014. Disponível em: <<http://www.ecommercebrasil.com.br/artigos/importancia-frete-e-commerce/>> Acesso em: 22 de abril de 2015.
- COELHO, Fernando. **B2B, B2C, C2C. Qual é a diferença.** Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/b2b-b2cc2c-qual-e-a-diferenca/63276/>> Acesso em: 24 de abril de 2015.
- CRUZ, R. R; JUNIOR, S. D. N. **BIOMETRIA APLICADA A SEGURANÇA RESIDENCIAL.** Ivaiporã – 2013. Disponível em: <[http://www.univale.com.br/unisite/documentos/publicacoes/biometria\\_aplicada\\_a\\_seguranca\\_residencial.pdf](http://www.univale.com.br/unisite/documentos/publicacoes/biometria_aplicada_a_seguranca_residencial.pdf)> Acesso em: 21 de dezembro de 2015.
- EMERICK, Jonata. **Eficiência logística do e-commerce.** Disponível em: <<http://www.ecommercebrasil.com.br/artigos/eficiencia-logistica-e-commerce-revolucao-da-ultima-milha/>> Acesso em: 22 de abril de 2015.
- FELIPINI, Dailton. **ABC do E-commerce.** 3. Ed. LeBookks. Disponível em: <<http://www.abc-commerce.com.br/down-modelo/abc-4segredos.pdf>> Acesso em: 19 de maio de 2015.

FONTES, Marcelo. **COMPARANDO O USO DO IPSEC E DO SSL/TLS EM VPN.**

Disponível em:

<<http://www.alessandrobianchini.com.br/artigos/VPN%20SSL%20x%20VPN%20IPSEC.pdf>> Acesso em: 04 de setembro de 2015.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa.** 1. ed – Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 21 de dezembro de 2015.

MACIEL, Flávio. **Sistema de pagamentos: como escolher.** Disponível em:

<<http://ecommercenews.com.br/artigos/cases/sistema-de-pagamentos-como-escolher>> Acesso em: 04 de setembro de 2015.

MAGALHÃES, H. J.; TAMAGI, W. D.; BRISCHKE, M. **Especificação de Requisitos e Modelagem Sistema Livraria.** UNIOESTE – Cascavel. 2011. Disponível

em:[http://www.inf.unioeste.br/~victor/projetos/ProjetosProcessoII2011/Trabalho\\_PES2-2011\\_Corrigido.PDF](http://www.inf.unioeste.br/~victor/projetos/ProjetosProcessoII2011/Trabalho_PES2-2011_Corrigido.PDF)> Acesso em: 21 de dezembro de 2015.

MARTINS, Bruna. **O e-Commerce decola, também no Brasil.** Disponível em:

<[http://www.e-commerce.org.br/artigos/ecommerce\\_decola.php](http://www.e-commerce.org.br/artigos/ecommerce_decola.php)> Acesso em: 21 de dezembro de 2015.

MATTOS, Antonio Carlos M. **Sistemas de Informação: uma visão executiva.** 2. ed – São Paulo, Saraiva, 2010. Pág. 91.

MENDES, Rafael. **Logística urbana: estratégias para agilizar suas entregas.**

Disponível em: <<http://www.ecommercebrasil.com.br/artigos/logistica-urbana-estrategias-para-agilizar-suas-entregas/>> Acesso em: 22 de abril de 2015.

NUNES, Ricardo. **A História da Ricardo Eletro.** Disponível em:

<<http://www.ricardoeletro.com.br/Hotsite/Html/4172/>> Acesso em: 27 de outubro de 2015.

O' Brien, James A. **Sistemas de Informação e as decisões gerenciais na era da Internet.** 2 ed. – São Paulo, Saraiva, 2006. Pág. 252, 254.

OLIVEIRA, A. M. et al. **Search Engine Optimization - SEO: a contribuição do bibliotecário na otimização de websites para os mecanismos de busca.** CRB-8

Digital – São Paulo, v. 4, n. 1. abr. 2011. Disponível em:

<<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/61/63>> Acesso em: 21 de dezembro de 2015.

TERRA, C. F. **O que as organizações precisam fazer para serem bem vistas nas mídias sociais sob a ótica da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas.** V Abrapcorp 2011. Disponível em:

<[http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/trabalhos/trabalho\\_carolina.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/trabalhos/trabalho_carolina.pdf)> Acesso em: 21 de dezembro de 2015.

TONSIG, Sérgio Luiz. **Engenharia de Software – Análise e Projeto de Sistemas**. 2. ed – Rio de Janeiro, Editora Ciência Moderna Ltda, 2008. Pág. 127, 128.  
TSUI, Frank; KARAM, Orlando. **Fundamentos de engenharia de software**. 2. ed. – Rio de Janeiro, LTC, 2013. Pág. 02.

TURBAN, Ephraim et al. **Tecnologia da Informação para Gestão**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

VIEIRA, Ronaldo da Mota. **WORLD WIDE WEB TERRA ENCANTADA ONDE TUDO SE ENCONTRA**. Disponível em  
<[http://www.uniesp.edu.br/Faceq/regs/downloads/numero16/7-Terra-encantada-  
onde-tudo-se-encontra.pdf](http://www.uniesp.edu.br/Faceq/regs/downloads/numero16/7-Terra-encantada-onde-tudo-se-encontra.pdf)> Acesso em: 18 de junho de 2015.

WARKEN, Andressa. **SEARCH ENGINE OPTIMIZATION EM REDAÇÕES ONLINE: LEVANTAMENTO DE EXPERIÊNCIAS NO JORNALISMO BRASILEIRO**. Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo – 2013. Disponível em:  
<[http://www.aotopo.com.br/wp-content/uploads/2014/01/TCC-Andressa-Warken-  
2013.pdf](http://www.aotopo.com.br/wp-content/uploads/2014/01/TCC-Andressa-Warken-2013.pdf)> Acesso em: 21 de dezembro de 2015. Pág. 19.

## **ESCRavidÃO CONTEMPORÂNEA E MIGRAÇÃO NORDESTINA (NEGRA) COMO BASE DO AGRONEGÓCIO EM RONDONÓPOLIS- MT: DE 1940 A 2011**

Antutérpio Dias PEREIRA[1]  
Ideylson da Silva Vieira Dos Anjos<sup>1</sup>

### **Introdução**

A cidade de Rondonópolis está localizada na região sul do estado de Mato Grosso a 218 km da capital Cuiabá – e a 2.356 km de Salvador – BA. Situa-se no entroncamento das rodovias BR 163 e 364 que ligam as regiões norte e sul do país é o portal de entrada para o Pantanal mato-grossense.

Ocupa o segundo lugar no PIB[2] do Estado de Mato Grosso, com uma Renda Per Capita de R\$ 13.849,00. Sua população em 2010 era de 195.476 sendo que em 1960 a cidade tinha 22.302 habitantes ou seja, houve um enorme aumento populacional em 50 anos. A maioria dos seus habitantes moram na zona urbana (95,5%) enquanto que 4,5% residem na zona rural (essa inversão acontece a partir da década de 1970).

A ocupação indígena do território hoje ocupado pela cidade remete a milhares de anos e a ocupação da área pela sociedade nacional é aproximadamente 1875, quando um destacamento militar foi erguido na região de ponte de Pedra[3] seguidas das comitivas de aventureiros em busca de ouro e pedras preciosas. Primeiramente a região chamava-se Rio Vermelho e em 1902, fixa-se na região algumas famílias vindo de Goiás, Cuiabá e outras regiões do Estado.

Em 1947 o Distrito é inserido no contexto capitalista de produção como fronteira agrícola do Estado, através da plantação de arroz e do sistema de colônias agrícolas implantada pelo Governo do Estado.

Nas décadas de 1950/60 seu desenvolvimento está alicerçado na produção agrícola e no trabalho de migrantes – do nordeste e sudeste. Em 1970 acentua-se o processo de aceleração capitalista e a cidade desenvolve o mais rápido processo de modernização do campo que se teve notícia no Centro Oeste. Utilizando para isso a implantação das atividades da soja, da pecuária e do comércio.

Em 1980 ela é considerada o polo econômico da região, tornando – se o segundo município do estado em importância econômica, política e demográfica e a capital nacional do agronegócio, ao mesmo tempo que cresce o setor agroindustrial.

### **A História do desenvolvimento**

Em Rondonópolis, nos anos de 1940 a 1960, as colonizações foram iniciativas do Estado resultado de seu planejamento que, ao mesmo tempo em que instituiu a colonização de pequenas propriedades, vendeu a “preço de banana” terras públicas em grande quantidade a poucas pessoas, ou mesmo doou latifúndios a apaniguados políticos. Resultando na implantação do latifúndio-minifúndio, o binômio básico da estrutura agrária conservadora do Brasil, que foram reproduzidos instantaneamente em Rondonópolis, por assim dizer.

A economia de Rondonópolis a partir de meados da década de 1980, passou a ser dominada pelos sulistas capitalizados que entre outras culturas vieram plantar soja no cerrado,

---

<sup>1</sup> Filósofo, mestre em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço.

financiados pelo Banco do Brasil a juros subsidiados. A imprensa local chegou a chamá-los de “novos bandeirantes” criando um falso mito fundador. O primeiro engano é superestimar a participação dos sulistas e diminuir a ação de outros migrantes e mesmo dos rondonopolitanos no desenvolvimento econômico do município. Ao negligenciar a história do lugar devido a desconsideração da importância dos fluxos migratórios e do trabalho de milhares de mulheres e homens migrantes de outras regiões que continuavam a ter Rondonópolis como destino.

Ao creditar o desenvolvimento econômico exclusivamente ao trabalho dos pioneiros, despreza-se mais de setenta anos de história perde-se o seu real significado. Essa ideia de contestação do pioneirismo individualizante é encontrada originalmente em NASCIMENTO quando faz uma análise da questão da exploração e da segregação econômica do nordestino.

O migrante foi, portanto, o principal desbravador da região e o responsável pela implantação e expansão do espaço agrário de Rondonópolis, valorizando com seu trabalho a região durante a fase da Fronteira Agrícola, dos anos 40 aos anos 70 do século XX, engendrando os principais sistemas produtivos, ancorados, principalmente, na economia do excedente. Sobre o signo do trabalho do migrante nordestino, em particular, é que Rondonópolis se tornou a “Rainha do Arroz” e “Rainha do Algodão”, nos anos 50, 60 e 70 do século XX. (NASCIMENTO, 2000, p 216).

Mais do que produzir concretamente a expressiva produção agrícola em termos relativos, com força de trabalho manual e força motriz animal, o migrante nordestino participou de grande parte da geração e não da apropriação da renda da terra que se deu por parte do capitalista mercantil (fazendeiro, financiador da produção, intermediários da compra e venda de mercadorias, caminhoneiros, especulador de terras), o que possibilitou a expansão da acumulação de capital na região (e portanto do crescimento econômico e desenvolvimento), continuamente com sua articulação comercial com outras regiões brasileiras, construindo as bases para a etapa posterior na qual se deram tanto a expansão do capitalismo no campo propriamente dito, quanto a integração econômica da região à cadeia produtiva agroindustrial nacional e internacional. Fases cujos principais agentes históricos puderam ser então os migrantes sulistas e sudestinos capitalizados e semi-capitalizados e também o capital monopolista nacional, internacional e o Estado.

O sistema de escravidão por dívidas, sistema de barracão ou carranquice na região de Rondonópolis – MT afetou, principalmente, os nordestinos e dentre eles, os negros e brancos pobres.

Podemos perceber enfim, que atingiu os que são considerados negros socialmente falando[4] e envolvia formas simples e que passavam pelas seguintes etapas: 1) agenciamento da força de trabalho, geralmente em alguma localidade nordestina (sertão, agreste); 2) transporte do trabalhador para a região de destino, de caminhão pau-de-arara, ou de ônibus, com as passagens e a alimentação pagas pelo agenciador de mão-de-obra, o que estabelecia uma dívida do trabalhador rural nordestino para com o intermediário da contratação da força de trabalho(o chamado “gato”); 3) ao chegar ao local de destino o trabalhador contratado verbalmente, podia ser levado diretamente para a fazenda a ser implantada ou em implantação, caso isso ocorresse, o “gato” recebia do fazendeiro ou de seu representante a dívida até então acumulada pelo trabalhador rural, transferindo a dívida deste último para o fazendeiro ou capataz; 4) caso o trabalhador não fosse diretamente para a fazenda, geralmente, permanecia num hotel ou pensão, temporariamente à espera de quem viesse contratá-lo verbalmente. Nesse caso, o “gato”, vendia a dívida para o dono do hotel, ou seja, transferia para o dono do hotel a dívida que o trabalhador rural tinha com ele. O peão permanecia no hotel onde se alimentava e residia, temporariamente, aumentando sua dívida

ainda mais. Caso o peão frequentasse os prostíbulos, em torno do hotel, o que não era nada incomum, o custo de seus prazeres sexuais eram acrescentados à sua conta no hotel; 5) a conta era finalmente paga quando um fazendeiro ou seu “gato” vinham recrutar os peões na hospedaria, dando-se, dessa forma, a transferência completa da dívida do peão para o representante do capital mercantil, na figura do latifundiário.

Uma outra forma de abono acontece quando o “gato” após pagar a conta no hotel adianta uma certa quantia para o peão, poder ir se divertir/despedir da cidade passando uma noite na “farra” entre bebidas, dança e mulheres, geralmente em algum prostíbulo. Isto acarreta um endividamento maior ainda do peão para com o “gato”. E a redução do peão de vendedor de sua força de trabalho em objeto, mercadoria de propriedade do “gato”.

A maioria das prostitutas que participavam deste esquema em Rondonópolis eram negras (segundo critério do IBGE (2010) negro é preto mais pardo), e a cor da pele vai escurecendo na mesma medida em que a degradação do local de trabalho vai aumentando e o preço vai caindo também. As mulheres mais claras cobram mais e estão nas áreas mais nobres e nas casas mais elegantes e sofisticadas. As mulheres com o biotipo mais africano cobram menos e estão nos lugares mais degradados e pobres, a “ZBM” (Zona do Baixo Meretrício) que estava localizada numa região bem decadente da cidade, onde disputam clientes nos bares ou nas ruas com os travestis, que na sua maioria são negros também.

A ligação entre o dono do hotel, o fazendeiro e o “gato” está contida num depoimento de um dono de hotel que na década, de 1960 e 1970 fazia essa transação para alguns fazendeiros da região de Rondonópolis, como nos mostra, OLIVEIRA:

“(...) O fazendeiro dava a palavra, a gente acreditava naquela palavra, ele dava a gente quantidade (...) e a gente ajuntava aquela quantidade (...) então quanto tinha quantidade, aí de quinze, vinte peão, aí ele chegava, encostava o caminhão eu dava a relação para ele, ele acertava e levava aquela caminhãozada de peão (OLIVEIRA, 2000, p 85).

Nesses hotéis, que geralmente estão estabelecidos ao redor das rodoviárias, em bairros decadentes ou próximos de prostíbulos, os quartos são coletivos, onde existem redes dependuradas ou várias camas. Se o “gato” é, conhecido, pode indicar o peão para o dono do hotel e este passa a debitar ou colocar as despesas na conta do “gato”, que em alguns casos são sócios ou até mesmo donos dos hotéis. A dívida contraída com o dono da pensão é negociada entre o “gato” e o dono do hotel sem a interferência do trabalhador rural.

Essa dívida que é negociada (transferida) é repassada ao peão muito maior (superfaturada) do que é na realidade criando dessa forma, a dependência do peão com o fazendeiro ou o “gato” que a utiliza para justificar a exploração a que submeterá o trabalhador.

O recrutamento ou aliciamento dos trabalhadores começa, quando o empreiteiro, que em alguns casos pode ser o “gato” é contratado por um fazendeiro, ou empresa agropecuária para a execução de um serviço de “derrubada”, feitura de cercas, plantio de pasto, feitura de roça, plantio de arroz/soja. Esse contrato é formal e em alguns casos registrado em cartório[5].

O “gato” busca inicialmente os trabalhadores rurais mais próximos que estão empobrecidos devido a pouca produtividade da terra e da falta de recurso financeiros. São na sua maioria posseiros ou parceiros, que se proletarizaram-se, esse agenciamento acontece no período da entressafra. Porém, com a divulgação dos maus-tratos, o cerceamento da liberdade e o não pagamento do preço combinado, essa mão-de-obra local vai ficando arredia ao aliciamento, o que obriga o aliciador a procurar mão-de-obra em outros lugares. Isso ocorre também, quando a mão-de-obra local é insuficiente para realizar o trabalho, no prazo estabelecido em contrato.

O aliciador vai a uma região pobre, miserável ou que está atravessando uma situação difícil, devido a alguma catástrofe natural e oferece aos jovens várias vantagens (preços

atrativos, fartura de trabalho, alimentação, moradia, transporte de qualidade), sendo que em alguns casos o trabalhador recebe um adiantamento (abono) que ele deixa com a família para que ela “agüente” até ele começar a mandar dinheiro do seu trabalho, começando aí o processo de escravização.

Os trabalhadores que tem sorte depois de terminado o trabalho são deixados no hotel para esperarem um novo contrato, sem dinheiro não podem sair pois são vigiados pelos dono do hotel para que não saiam sem pagar. Eles não têm escolha, na não ser ir com o mesmo “gato”, ou outro, mantendo sempre a esperança de que tudo vai dar certo desta vez. A justificativa do dono do hotel para participar do esquema de escravidão dos peões é de que eles não sabem mexer com dinheiro, que vão ser roubados, que são como “crianças”, pobres vítimas dos espertalhões, enfim, são seres sem juízo e por isso precisam ser protegidos.

A exploração sobre os trabalhadores rurais pode acontecer de outra forma. O “gato” ou empreiteiro pega uma área para plantar, ou derrubar e agencia um determinado número de pessoas que ao término do trabalho não recebem pelo serviço realizado, o “gato” foge ou anuncia que o dinheiro acabou ou diz que não recebeu.

Algumas fazendas mantêm uma rígida diferença entre trabalhadores rurais permanentes e temporários. Os primeiros recebem salários mensais e são registrados, sindicalizados, ou seja, estão dentro da legalidade. Os outros não tem garantia nenhuma, trabalham por empreita e são contratados pelo “gato” para realizarem a tarefa, não tendo nenhum vínculo com a fazenda, conforme nos mostra o Sr. Sebastião:

O sujeito pegava a roça pra fazer, o dono da terra estava lá em São Paulo, quando ele vinha aqui empreitava a roça para fazer e o cara (gato) pegava aquela roça para fazer. Fazia aquela roça e falava que ia buscar o dinheiro na cidade e sumia, com o dinheiro todo. Pronto! Você vai fazer o que? Ir atrás de quem? Você não sabe onde ele tinha ido. Naquele tempo não tinha estrada por aqui.[6]

Essas pessoas eram vítimas do sistema capitalista, que prima em tempos de Modernidade e Pós-Modernidade pela exploração do ser humano por outro ser humano, às vezes, ainda sob a forma de escravidão. Isso reflete na cultura, onde percebemos claramente que há uma divisão entre as várias camadas sociais e (“raciais”) que disputam poder, prestígio e ganho. Dominantes e dominados detentores dos meios e modos de produção versus os que nada tem a não ser a sua prole e que são oferecidos no mercado a baixo preço.

A escravidão por dívidas é um aparente paradoxo no desenvolvimento do Capital, onde a “Modernidade” convive com o atraso (o escravo), mas é diferente da escravidão negra do Sistema Escravista (1532-1888) abolida, oficialmente, no final do século XIX. Essa nova modalidade de escravidão é um novo tipo de exploração dentro do sistema capitalista agro-exportador que em parceria com o trabalho livre (assalariado) cria uma categoria de trabalho não livre. Como nos mostra MARTINS:

Pode-se dizer que o capital tanto remove ou dissolve relações sociais (e relações de produção) que bloqueiam sua reprodução ampliada, quando incorpora a ela aquelas persistentes relações que, ainda temporariamente, não podem ser substituídas. Nesse sentido, de fato ele as recria, mas agora como momento do seu processo e reprodução. Elas parecem ser as mesmas relações, mas são agora outra coisa, isto é, são agora forma social carregada de novas determinações decorrentes da mediação do capital no movimento da sua reprodução ampliada. (MARTINS, 1995, p 05) (grifo nosso).

Além dos problemas ecológicos o avanço da produção de soja na Amazônia e no cerrado fomentam a exploração da mão-de-obra escrava na região sojicultora[7]. Há uma estreita vinculação entre os Estados que estão na vanguarda da expansão da soja (fronteira agrícola) ao trabalho escravo e o aumento das mortes no campo. Em Mato Grosso há números que indicam que 40,8% da população rural esteve envolvida em conflitos, sendo que 6,2%

sofreram despejos. Ou seja, de cada dez trabalhadores rurais quatro estavam em conflito pela terra.[8]

Mato Grosso é o segundo Estado em utilizar trabalho escravo, perdendo apenas para o Pará. Sendo que em 2005, houveram 2.099 trabalhadores escravizados. [9] O Ministério do Trabalho e Emprego elaborou um Cadastro de Empregadores (Lista Suja) que tenham mantido trabalhadores em condições análogas à de escravo. O Empregador que tiver o seu nome no cadastro não terá direito a recursos financeiros, a benefícios fiscais e serão constantemente fiscalizados pelo Ministério do Trabalho[10]. Em 2005, foram libertados mais de mil trabalhadores da destilaria Gameleira, no município de Confresa, No Norte de Mato Grosso, sendo que os trabalhadores eram de Pernambuco, Alagoas e Maranhão. Em Juscimeira[11] há registro de trabalho escravo na SR Indústria e Comércio de Derivados da Cana-de-açúcar Ltda em 2004[12], três trabalhadores foram libertados pelo Ministério Público.

Encontramos na Lista Suja do Ministério do Trabalho e do Emprego o nome de vários empresários do agronegócios em Rondonópolis, sendo que na fazenda de um deles a fazenda Rio Verde, uma das maiores vendedoras/produtoras de sementes da região, cuja sede fica na Rua Dom Pedro II, no Centro da cidade, está envolvida com o trabalho escravo porque 08 trabalhadores foram libertados em julho de 2005.[13] Percebemos que a cidade está exportando a prática da escravidão por dívida para outras regiões do Estado de Mato Grosso, ou seja a escravidão vai acompanhando a Fronteira Agrícola e sendo utilizada para maximizar o lucro e minimizar o custo de formação e produção das fazendas.

A indústria da escravidão por dívidas se beneficia da falta de vontade do Governo, da morosidade da justiça, da máfia de recursos, de liminares, da burocracia estatal e da demora de se efetivar um projeto que viabilize a inserção sócio econômica dos trabalhadores libertos, que na maioria das vezes voltam a ser escravizados[14]. Escravos esses que, na sua maioria, são formados por nordestinos (negros e brancos pobres), analfabetos, sem documentação o que torna mais fácil a sua escravização, exploração e possível desaparecimento.

Em algumas situações o gato dentro do ônibus recolhe as Carteiras de Trabalho e os documentos pessoais dos trabalhadores para que não possam sair sem pagar a dívida. Ou seja, para que eles fiquem totalmente a mercê dos desmandos do agenciador e tenham dificuldades de locomoção nas cidades, pois a posse dos documentos é uma das prerrogativas para se locomover utilizando o sistema de transporte vigente (ônibus comerciais).

#### A exploração étnica

O negro na história de Rondonópolis, foi um dos que, produziu riquezas através da superexploração na Fase Pioneira e após a Fronteira Agrícola. Ele chega, provavelmente, em tempos imemoriais, se fixa no final do século XIX<sup>[15]</sup> e no início do século XX, na busca de terras que estavam sendo doadas pelo governo ou vendidas pelas colonizadoras particulares<sup>[16]</sup> principalmente nas décadas de 1950 do século passado. Apesar, que não tem tido abrangência significativa como teve as colonizações públicas.

Esses nordestinos que, conseguiam um pedaço de terra, trabalhavam de forma rústica, utilizando sua própria força física. O que limitava a sua produção e gerava, quando muito, um pequeno excedente, que era comercializado no mercado local. Uma das formas de “burlar” as limitações provocadas pela falta de mão-de-obra era utilizar as derrubadas do cerrado, limpar o terreno, plantar colher, ou seja, havia a necessidade da união de um grupos de amigos para viabilizarem a produção.<sup>[17]</sup>

Os pequenos produtores que utilizavam, ocasionalmente, a mão-de-obra comunitária para viabilizarem a sua plantação não enriqueceram, pois eram explorados pelo Capital Mercantil, via comerciantes locais ou atravessadores, que por sua vez trabalhavam para os grandes atacadistas nacionais que manipulavam o preço dos produtos primários para

conseguirem manter sempre em crescimento seus lucros, obtidos com a exploração do pequeno produtor através da sua produção ou da exploração da sua força de trabalho, enquanto proletariado.

O agricultor está preso a terra, mas a terra não está presa a ele, pois, quando acontece a concentração fundiária eles são alijados através da expulsão do campo via falta de recursos financeiros e logísticos. O trabalhador rural busca junto aos bancos oficiais empréstimos para viabilizar a produção e quando consegue, o valor é irrisório, devido a sua propriedade ser pequena e ele não possuir nenhuma outra garantia, ou seja, não tem um bem, além da sua terra para oferecer como garantia na transação financeira. O que acaba levando-o a vender ou hipotecá-la, junto aos grandes comerciantes ou atravessadores. Após o endividamento e de não conseguir pagar o empréstimo tem que vender ou entregar a sua propriedade para pagar a dívida.

Os migrantes nordestinos, que em sua terra de origem, eram explorados pelo grande fazendeiro e abandonados pelo governo (falta de políticas públicas que auxiliassem na sua fixação na terra) e que sofriam com a falta de recursos e com a miséria crônica quando chegam a região de Rondonópolis alguns recebem seus lotes e acham que chegaram ao paraíso. Se esforçam para obter a fartura, que por um curto período de tempo conseguem mas, depois há a superexploração, através da escravidão por dívidas, dos baixos preços pelo qual vendiam a sua produção.

O capital mercantil utiliza desses meios pra regularizar a produção e se apropriar do excedente, ou de toda a produção no caso do produtor ter vendido antecipadamente a sua colheita ou tenha trocado ela por mantimento no comércio local como ocorria com frequência na região.

Nas décadas de 1950 e 1960 do século XX, temos o trabalhador rural com seu lote, geralmente doado pelo governo (NASCIMENTO, 2000, p 251), entre outras culturas plantava o arroz, sendo financiado pelos grandes comerciantes locais que recebiam em troca a produção, que era comprada através do preço estabelecido pelo próprio comerciante. Porém, as mercadorias fornecidas pelos mesmos eram superfaturadas, causando com isso uma dependência entre os comerciantes e os camponeses que, em alguns casos, perdiam suas terras em decorrência das dívidas contraídas.

Uma outra forma de exploração acontecia quando o camponês tinha que pegar empréstimos no Banco do Brasil e utilizava como fiador um grande comerciante ou atravessador e não conseguia cumprir os prazos de pagamento e o banco não renegociava a sua dívida ele perdia as terras para o fiador que por ter um patrimônio maior e mais poder político conseguia viabilizar a renegociação das dívidas contraídas pelo pequeno produtor que na maioria das vezes era inferior ao valor de mercado das suas terras. Dessa forma temos a contribuição indireta da pequena produção pra a concentração de terras, quer eram muito mais valorizadas por que já estavam totalmente ou parcialmente formadas.

O empobrecimento do pequeno produtor e a proletarização causada pela exploração do Capital Mercantil ocasionaram a desestruturação da pequena propriedade e facilitaram a aquisição das terras para ser utilizada pelos especuladores fundiários. O Governo dificultava o acesso do trabalhador rural migrante pobre a terra através da diminuição das doações de lotes aos migrantes acabando com o sonho destes de ter o seu “pedacinho de terra”.

Os trabalhadores rurais que vinham nas ondas migratórias ao não conseguirem terras procuravam emprego, nas fazendas de gado ou de arroz (décadas de 1950/60) ou ficavam na cidade, na periferia, geralmente morando em bairros sem nenhuma infraestrutura, longe do centro da cidade. Bairros que tem sua origem em invasões urbanas (grilo). Porque a região de Rondonópolis era referência para os fluxos migratórios, principalmente nordestinos que se

dirigiam ao Estado de Mato Grosso. Isso se deve a ação do Estado enquanto viabilizadora de infraestrutura para o capitalismo (construção de estradas, ampliação, melhoramento do fornecimento de energia elétrica, segurança, empréstimos, etc..).

Com a implementação das infraestrutura, com a inserção do Estado na Amazônia Legal<sup>[18]</sup> permitindo o acesso a incentivos da SUDAM<sup>[19]</sup> e do PRODOESTE<sup>[20]</sup>, que construiu, ampliou e reformou estradas federais (BR 163 e 364), os empréstimos a juros subsidiados, a política de preços agrícolas mínimos que garantia uma renda mínima para o agricultor, fazia do Estado, o grande financiador do desenvolvimento agrícola da região de Rondonópolis. Esses fatores impulsionaram a região para um desenvolvimento maior e acelerado. Porém, não propiciaram ao pequeno produtor ascender socialmente junto com a região, ou melhor não propiciou oportunidades iguais para todos os brasileiros, ao contrário só beneficiou os grandes proprietários de terras que tinham melhores condições para desenvolver o tipo de agricultura da qual o Governo necessitava e que era voltada, pra a exportação e a criação de divisas.

A população que morava no campo não teve acesso, na sua maioria, ao grande desenvolvimento e a prosperidade ocasionada pela agricultura, devido a uma série de fatores, dentro os quais podemos destacar: A exploração do Capital Mercantil que mantinha e utilizava da mão-de-obra barata desses trabalhadores (escravidão por dívida ou assalariado) para aumentar o seu lucro. A manipulação dos preços agrícolas produzido pelo pequeno produtor, para baixo, o que lhe impedia de obter uma renda significativa e acumular capital ou adquirir mais terras. A falta de incentivos estatais que fixassem o homem no campo na forma de proprietário. A forma com que os assentamentos foram realizados (minifúndios) com lotes de 5 a 35 ha o que inviabilizou a sua capitalização e com o crescimento da família a agricultura de subsistência também ficou comprometida. O fim das colônias públicas, sendo que, apenas através da compra é que se poderia obter a posse legítima das terras. O que praticamente inviabiliza a aquisição de terras para a maioria dos migrantes (negros e brancos pobres). O grande fluxo migratório que fluiu para a região de Rondonópolis acarretou um aumento da mão-de-obra e consequentemente a diminuição do valor de venda da sua força de trabalho. A expulsão de parte dos trabalhadores rurais das colônias públicas Pelo poder econômico ou através de ameaças ou violências físicas e psicológicas.

A maioria da população migrante foi segregacionada devido a sua condição de excluído para a periferia da cidade, onde o aluguel é barato. Em casos extremos, nos bairros que surgem através de invasões de trabalhadores, que foram expulsos do campo nas décadas de 1970 e 1980 devido a Modernização Parcial e Conservadora<sup>[21]</sup>, que atinge alguns ramos da agricultura como arroz, soja e pecuária aumentando a produção agrícola para o consumo industrial e a exportação. Mas ao mesmo tempo em que produzia riquezas, concentrava renda e propriedade, gerando desemprego e o êxodo rural-urbano.

A modernização conservadora, não trouxe, a princípio, um desenvolvimento homogêneo para o setor agrícola, apenas 34% dos trabalhadores rurais estavam sob um contrato capitalista, ou seja o sistema não conseguiu absorver a maioria dos trabalhadores rurais. Mas, gerou uma enorme fuga do campo para a cidade e a desorganização do sistema de produção baseado no Talhão e a busca pela vida farta, agora ocorre, na cidade, ou em outras áreas rurais.

A soja no Centro-Oeste começa a ser plantada a partir de 1971, na BR 163, em Rondonópolis com tecnologia norte-americana. Na década de 70, apenas a região era responsável por 2% da soja colhida no Centro-Oeste e em 2004 chegou a 64% sendo que o Estado de Mato Grosso é considerado o líder nacional de produção e produtividade de soja<sup>[22]</sup>. Ela é, com certeza, o grande propulsor do desenvolvimento da economia de Rondonópolis, pois a partir do momento que passou a ser cultivada, resultou numa série de

mudanças na áreas rurais e urbanas da cidade, mudanças que não devem ser classificadas somente como boas.

Dentre os fatores que contribuíram para o estabelecimento da soja no cerrado temos: a construção de Brasília e os investimentos em infraestrutura, a construção de silos e armazéns; baixo valor da terra em Mato Grosso se comparado com a região Sul do país, nas décadas de 1960 a 1980, desenvolvimento de tecnologias para a produção no cerrado, topografia, levemente ondulada, favorecendo o uso de máquinas e equipamento de grande porte e grande oferta de mão-de-obra. Esse desenvolvimento da soja gerou graves problemas rurais, urbanos e ecológicos.

Os impactos ambientais decorrentes do manejo do solo tais como uso de agrotóxico, erosão, compactação, retirada da cobertura vegetal, devido à implantação e monocultura, estavam se expandindo. O arroz foi utilizado pra a abertura agrícola do cerrado, em vários casos, e passou a ser substituído pela soja. Essas culturas foram as primeiras a passar pela modernização e tornaram-se, as que mais contribuíram para a questão ambiental decorrente de práticas agrícolas.

A soja é um produto basicamente de exportação, pois seu consumo interno, em forma de grãos, é muito pequeno. A sua expansão e o da indústria de esmagamento teve como principal incentivador o Governo Federal através da viabilização de infraestrutura básica necessária<sup>[23]</sup> ou através da criação de Leis como a 4.829 de 05 de Novembro de 1965, chamada de Lei do Crédito Rural, que tinha como objetivo criar um mercado de crédito mais amplo, e obrigar as instituições de crédito particulares a emprestar dinheiro para a agricultura.<sup>[24]</sup>

Ao transferir para a iniciativa privada parte da obrigação de financiar a agricultura o Governo priorizou os grandes fazendeiro em detrimento dos pequenos. Em 1985 3% dos financiamentos, destinavam-se a áreas de até 10 hectares, 25% destinavam-se a áreas de 10 a 100 hectares, e 72% ficou com os produtores que possuíam áreas superiores a 1.000 hectares.<sup>[25]</sup> Essas medidas vão beneficiar principalmente o Capital Estrangeiro e os grandes produtores. Para iniciar a produção da soja no cerrado o custo/investimento de produção tende a ser muito alto no início da plantação e a cair com o passar dos anos, por isso a produção tem que ser feita em lagar escala.

A produtividade em Mato Grosso é um dos fatores que contribuiu para o baixo custo da produção. Que é conseguida através do clima propicio, e tecnologias conseguidas através de pesquisa especializada.<sup>[26]</sup> Esses fatores elevou a produtividade apesar de que na área plantada não ter havido uma expansão significativa.

O desenvolvimento da tecnologia de produção permitiu que houvesse uma maximização da produção, através do melhoramento genético, onde espécies mais adaptadas ao solo e o clima vão ser plantadas; máquinas plantadeiras e colheitadeiras com direcionamento por satélites vão diminuir as perdas na colheita. Esses fatores vão maximizar o lucro dos produtores e dispensar a mão-de-obra, ou explorá-la ao máximo.

Nas décadas de 1980 e 1990 o Brasil enfrentava uma crise financeira que resultou, dentre outros fatores, na moratória decretada pelo Governo de José Sarney (1985-1990) que agravou ainda mais a situação econômica do país. A economia rondonopolitana foi afetada por estar voltada para o crescimento externo, onde podemos caracterizar as nuances de um capitalismo agrário, ou melhor um sistema econômico baseado na exportação, o Capitalismo Mercantil Internacional. Onde a soja<sup>[27]</sup>, enquanto, carro chefe das exportações principalmente para a Europa, vai servir de alimento (ração) para o gado, desta forma a maior parte é exportada em forma de grãos.

A economia dependente do município de Rondonópolis, voltada para a exportação, que tem como base o Capitalismo Mercantil, exportadora de produtos primários e importadora

de produtos industrializados, não conseguiu superar a crise econômica da década de 1980 e entrou numa recessão. Sendo que, a população pobre foi a mais afetada, pois diminuíram as ofertas de emprego e aumentou a informalidade.

Essa tendência a exportar é decorrente da conjuntura internacional que mantém a economia presa ao modelo agrário-exportador que lhe propicia obter dólares, que por sua vez, serão utilizados para pagar os juros da dívida externa. O mercado internacional da soja ou mesmo de outros produtos primários são controlados por grandes empresas vinculadas ao agronegócio<sup>[28]</sup>, que manipulam os preços sempre em prejuízo dos produtores.

O setor agropecuário que existe no município, está baseado na concentração de terras, recursos e riquezas. O que agrava a questão urbana ao intensificar a migração do campo para a cidade. Houve uma saída em massa do campo para a cidade nas duas últimas décadas devido a uma mudança na estrutura produtiva, o que gerou um aumento na oferta da mão-de-obra e conseqüentemente a sua desvalorização. A substituição das culturas familiares pelas pastagens (Talhão), os latifúndios, a monocultura, a escravidão por dívidas são considerados fatores que geram a expulsão do campo. E a sedução das cidades, as ofertas de emprego, as mínimas garantias sociais são consideradas fatores atrativos que fazem com que o trabalhador rural deixe o campo (êxodo-rural) e vá para a cidade (êxodo rural-urbano) gerando uma concentração urbana descontrolada.

Como podemos perceber a população rural devido ao êxodo para a cidade ou para outras áreas rurais está diminuindo a cada ano, mas isso não representa perda na produtividade agrícola. A tecnologia substitui a mão-de-obra de um lado temos alta produtividade e do outro baixa ocupação humana, obtendo como resultado, o agravamento dos problemas sociais urbanos.

A população migrante, durante a fase da Fronteira Agrícola (1940 a 1980) construiu a maioria das riquezas de Rondonópolis, acumulando também as bases para a arrancada da fase seguinte (Fase da Integração Econômica: 1980...). Enfim, foram os trabalhadores rurais, nordestinos e negros, majoritariamente, os maiores artífices de nosso desenvolvimento.

### **Bibliografia**

CARVALHO. Aparecida Mitie Sassagima de. **O negro no mercado de trabalho em Rondonópolis-MT. Rondonópolis- MT. Dpto de História. UFMT-R, 1999. Monografia de Especialização. mimeo.**

GOETTERT, Jones Dari. **O vôo das pandorgas: migração sulista para Rondonópolis- MT. Presidente Prudente. FFLCH/USP, 1997. Dissertação de Mestrado, mimeo.**

GUIMARÃES, Antonio S. & HUNTLEY, Lynn (org). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.**

MACIEL, Joslene Pereira. **Migração Nordestina para Rondonópolis- MT – 1950 1970. Rondonópolis- MT. Dpto de História. UFMT-R, 1999. TCC mimeo.**

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso, ensaios de Sociologia das História Lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.**

NASCIMENTO, Flávio A. da Silva. **Racismo Brasileiro, uma pequena introdução crítica. UFMT/R-Depto História. 2000.**

PEREIRA, Antutérpio Dias. *A classe média negra em Rondonópolis*-UFMT/R – 1998.

- 
- [1] Doutorando em História/PPGHIS/UFGD, professor da Rede Publica do Estado de Mato Grosso e da Faculdade Cenecista de Rondonópolis, antuterpio@yahoo.com.br
- [2] Fonte IBGE – 2007
- [3] A cerca de 60 km da Sede do município
- [4] Um negro, socialmente falando, é um modelo social que deve ser analisado como um conjunto de contribuições afro-brasileiras sincretizadas, primeiro entre si, e depois com a sociedade nacional envolvente.
- [5] O Ministério Público já encontrou cooperativas de “gatos” que procuram legalizar os negócios registrando os trabalhadores.
- [6] Entrevista realizada no dia 14/05/2006. Com o Sr. Sebastião de Araújo.
- [7] Segundo o Relatório “Comendo a Amazônia” divulgado pela Organização não Governamental – GREENPEACE. Ver site [www.greenpeace.org.br](http://www.greenpeace.org.br). E Jornal A Tribuna. Soja impulsiona exploração da mão-de-obra. Data 08/04/2006. pesquisa realizada no dia 06/04/2006.
- [8] Relatórios Conflitos no Campo, Brasil, 2003. Apresentado no II Simpósio da Questão Agrária da UNESP-França em 13/04/2004.
- [9] Jornal A Tribuna. Op cit. p. 06.
- [10] Sobre a lista suja ver [www.mp.te.gov.com.br](http://www.mp.te.gov.com.br)
- [11] Cidade situada a aproximadamente 60 km de Rondonópolis e a 150 Km da capital Cuiabá
- [12] Jornal A Tribuna. Direitos Trabalhistas. 30/10/2004. Pesquisa realizada em 10/05/2006
- [13] Conforme Lista Suja em Anexo 01 folha 03, ou no site [www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br).
- [14] Conforme explicação do Ministério Trabalho e Emprego, a falta de opção acaba levando os trabalhadores a tentarem a sorte novamente com o “gato”, na esperança de que desta vez terão sorte no trabalho.
- [15] Destacamento militar de Ponte de Pedra que fica a aproximadamente 08 km de Rondonópolis.
- [16] Eram lotes que variavam de 5 a 30 hectares
- [17] Essa passagem é ilustrada nos depoimentos sobre os mutirões que colhemos nas entrevistas, principalmente com os filhos do sr. Militão.
- [18] O Estado de Mato Grosso foi incluído na Amazônia Legal em 1972.
- [19] Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
- [20] Programa de Desenvolvimento do Centro Oeste.
- [21] Chamamos de Modernização Parcial Conservadora, a transformação que acontece no campo com a utilização de técnicas modernas de produção, em algumas culturas enquanto que em outras não há essa utilização. Apesar da tecnologia avançada ela utiliza e mantém a mesma estrutura agrária tradicional baseada na monocultura, latifúndio e mão-de-obra barata
- [22] Dossiê Rondonópolis 2005 p 47 – Fonte IBGE- Produção Agrícola Municipal.
- [23] Podemos citar como exemplo o PROCAL (Programa Nacional de Calcário) criado em 1975, quando o Banco do Brasil tinha uma linha de crédito sem juros e sem correção, com prazo de até 08 anos para o pagamento.
- [24] Essa Lei não surtiu o efeito desejado pois os bancos como Itaú e Bradesco criaram Cooperativas agropecuárias e um emprestava dinheiro para o outro.

[25] Fontes: Censo Agrícola e Pecuária de 1985. Fonte IBGE- Produção Agrícola Municipal.

[26] Em Rondonópolis podemos destacar a Fundação Mato Grosso e a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) que desenvolvem pesquisas voltadas para a agricultura.

[27] A economia local é sustentada pela pecuária de corte, e está voltada ao consumo interno e a exportação.

[28] Segundo Relatório do Greenpeace as Trades Internacionais ADM, CARGILL, BUNG E AMAGI, controlam o preço do produto. <http://www.greenpeace.com.br>. comendo a Amazônia. Acesso em 02/08/2006)